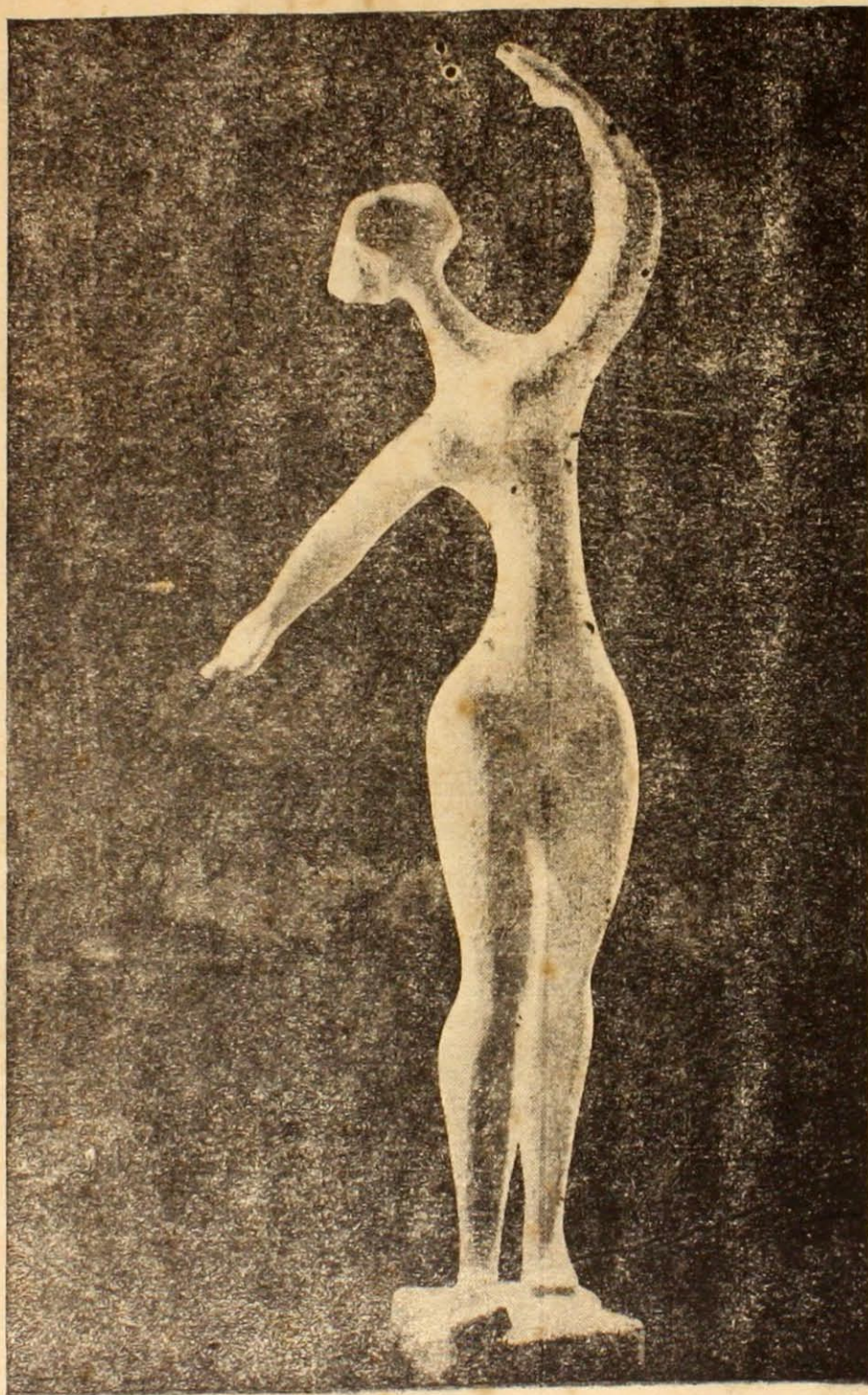


Sul

REVISTA DO CÍRCULO DE ARTE MODERNA



12

ESCULTURA DE
BRUNO GIORGI

RETRATO

Eu te concebo assim
em linhas paralelas.

O rosto salta oval
e canta.

Dois traços te completam
e ficas geométrica
em justaposições
de retângulos e esferas.

POEMA

Vontade alguma terei.
Tramas obscuras me formaram
no passado perdido, já recusado.
Vontade, venho sem vontade.

Serei sonho imagem de alguém,
serei sombra de mim mesmo.

Soprem aos meus ouvidos
as belas idas planejadas
brandamente, soprem
os meus planos futuros.

Eu quis tão pouco,
ser poesia, ser vontade
tão leve à beira da cidade.
Fui tão humilde, tão apagado
entre a multidão grande.

Quero — só este meu desejo,
único — toda a voz ainda guardada:

Serei sombra imagem, serei
fuga imóvel além.
Dêem-me a vontade já antiga de ser
poesia aberta ao mundo.

Walmor Cardoso da Silva

POEMA

A infância tão longe
e o adeus na distância ...

Das músicas,
restam melodias indistintas,

Dos versos,
os significados de entrelinhas.

Das dansas,
movimentos sem ritmos.

Ressábios de beijos
nos lábios trêmulos,
no coração, as coisas
que foram ontem
e hoje não são mais.
Nos olhos a lágrima.

Anibal Nunes Pires

PAUSA

Pensei que ia a algum lugar.
Não ia.
Sou um homem
perdido na rua.

J. M. Gomes de Mattos

CLAIR DE LUNE

Meu espírito no copo e o vinho,
há idéias nas notas, desenhando carícias,
cores, perfumes e desmaios.
Quem traz as ondas dos mares
de cinema e a simplicidade dos tigres
dos circos salvadores?

Ah! gelatina musical de cheiro claro,
faz-me o artista de trapésio que outrora
quis ser, derruba a parede grande
que prende meu sonho e deixa eu
viver vagabundo nas noites.

Os veleiros azues se perderam
nas brumas e as florestas caminham
no raio de lua; saem cascatas
da montanha da noite e sílfides
Deslisam num pátio azulado.

Equilibro-me num som de violino,
que me despe e me veste de arrepios ...
Vou à lua num tubo de lança-perfume,

Sylvio Eduardo

(da coletânea: A MEMÓRIA DA ROSA.)

SER JOVEM

(Especial para "SUL")

Ter fé na juventude, disse alguém, é ter fé na vida. E havemos de convir que disse uma verdade, sobretudo se a tomarmos em termos de não abranger todos os jovens, só pelo simples fato de o serem.

Com efeito, há jovens e jovens pois que, enquanto uns, por mais despertos, se abraçam no ardor dum entusiasmo generoso e prospectivo, sempre tudo fazendo para que aos homens — a todos os homens, seus irmãos —, seja dada a possibilidade de cada vez melhor se realizarem na vida, outros, pelo contrário, deixam-se ficar muito bem sentadinhos no canapé do seu burguesíssimo comodismo.

Realmente, ainda que lhes faisque nos olhos e expluda nos gestos e no andar ágil e desenvolto toda a energia vital dos seus poucos anos, a verdade é que em tudo se comportam como havendo completamente renunciado à sua condição de naturais propulsores de coisas novas na terra. E que se verifica então? Nada mais nada menos do que o tristíssimo espetáculo de se deixarem conduzir por caminhos que não são os seus caminhos, porque não os de outros que para sempre passaram, sob o impulso duma imperiosa e inexorável lei da vida. Daí o desgraçadamente contribuírem para toda a ação inibidora ou, pelo menos, retardadora da concretização dos mais belos e generosos ideais, dos mais sentidos e humanos anseios, das mais inquietantes e legítimas aspirações que porventura agitem, num dado momento, a humanidade inteira.

Reduzidos assim, portanto, mentalmente à contraditória categoria de "novos-velhos", outra coisa não fazem mais do que trair a sua vida e a dos outros, talqualmente nos evangélicos tempos da Galilea, Judas traiu o seu divino Mestre. E inertes e apáticos, como peixes em aquário, a tudo dizendo acefalmente amen, vão-se tornando de baixaza em baixaza, de renúncia em renúncia, de abdicação em abdicação, nuns verdadeiros monstrosinhos que simultaneamente causam repugnância e piedade.

Efetivamente, tendo vindo a este mundo como portadores da ininterrupta mensagem de renovação tudo fazem, afinal, para o tornarem porventura mais velho ainda — desperdiçando criminosamente, em detrimento próprio e alheio, todo o poder fecundante das suas múltiplas e prodigiosas virtualidades.

Quem, portanto, assim se mostra mais possuidor de um cérebro de orangotango, digamos, do que de um cérebro de homem evoluído e consciente — não é jovem. Sim, porque sê-lo, não é ter apenas decididamente vinte ou poucos mais anos de idade — embora isso seja, valha a verdade, uma condição muito importante de o ser, mas não única —, dado que há jovens, **mentalmente jovens**, de quarenta ou mais anos de idade.

Ser jovem, portanto, é algo mais do que ser vigoroso e ágil de corpo porque é também, e sobretudo, ser vigoroso e ágil de espírito. É ser capaz de, em todas as circunstâncias, neutralizar toda a nocividade dos processos atentatórios do **clan** renovador que o anima e de, por conseguinte, resistir a todos os apelos de regresso ou estagnação; é saber estar atento e vigilante frente aos problemas mais prementes da vida — da sua vida e da dos outros e tudo fazer para que, nem a fraude nem o embuste jamais possam mistificar e impedir a sua justa e humana solução; é saber manter uma atitude de firmeza e coerência perante as **idéias a fazer** e de absoluta oposição e impermeabilidade perante as **idéias feitas** ou, melhor, **desfeitas** pela ação inexorável do tempo; é ter uma ânsia muito grande de conquista, — da sempre procurada e nunca atingida conquista de um mais além; é saber estar pelo estudo acurado e persistente, em permanente contacto com a corrente viva do pensamento vivo, para assim melhor poder apreender e denunciar todas as pseudo explicações do mundo e da vida que teimem em subsistir; é saber estimar e aproveitar do passado tudo quanto realmente for estimável e aproveitável, sem prejuízo do presente e do futuro antes, pelo contrário, em vista a esse mesmo presente e a esse mesmo futuro; é ter um sentimento muito vivo, real e concreto da sua posição neste mundo e uma capacidade muito grande de trabalhar com entusiasmo por todos os mais justos e nobres ideais.

Em última análise, portanto, ser isto e mais ainda, porventura, do que isto, é que é ser verdadeira, autenticamente jovem — tenham-se vinte, quarenta, cinquenta ou mais anos de idade, não importa.

Manuel Pinto

Faro — Algarve — PORTUGAL

EXPEDIENTE
SUL
REVISTA DO CÍRCULO
DE
ARTE MODERNA

REDAÇÃO:
Rua Fernando Machado, 27
Caixa Postal, 384
Florianópolis, S. C.
Brasil

Conselho Orientador e de
Redação:
Dr. Anibal Nunes Pires
Archibaldo C. Neves —
Gerente.

Doralécio Soares
Eglê Malheiros
Elio Ballstaedt
Ody Fraga
Pedro T. Taulois
Salim Miguel — Secretário.

Walmor C. da Silva

SUL acolherá em suas páginas, com a maior simpatia, toda a colaboração enviada de qualquer parte do Brasil, especialmente dos novos, se reservando, porém, o direito de escolha para publicação.

Os originais, mesmo não aceitos, ficam na redação.

Todos os artigos são assinados e decorrem da responsabilidade de seus autores.

Todo e qualquer livro dirigido a esta revista, independente de crítica assinada, será registrado.

Desejamos manter contato e permuta com outras publicações.

PREÇO POR EXEMPLAR:
CR\$ 5,00

Assinatura anual (4 números) 20,00. Registrada, 22,00

As assinaturas podem ser pedidas diretamente à direção, por vale postal ou carta registrada com valor declarado.

REPRESENTANTES:

No Brasil:

Pôrto Alegre (Rio Grande do Sul)

Antônio da Silva Filho
Rua Joaquim Nabuco, 126
Curitiba (Paraná)

Rogério Chatagnier
Rua Dr. Keller, 384
São Paulo (São Paulo)

Ruy Brand Corrêa
Rua Baroneza de Itú, 352
Distrito Federal (Rio)

Dr. Hamilton V. Ferreira
Salvador (Bahia)

Vasconcelos Maia
Rua Democrata, 9
Recife (Pernambuco)

Walmyr Maranhão
Rua do Peixoto, 368
Teresina (Piauí)

O. G. Rêgo de Carvalho
Rua Lisandro Nogueira, 1223
No Exterior:

Faro-Algarve (Portugal)
Dr. Manuel Pinto
Montevideo (Uruguay)

Matilde D'Espaux
B. Aires (Argentina)
Blanca Terra Viera

AOS NOSSOS LEITORES

Este número aparece com 32 páginas, o que, de agora em diante, pretendemos manter, ao mesmo tempo que regularizar a saída da revista, que do próximo ano em diante deverá sair trimestralmente. Impossível se torna manter o preço que até agora vigorava, pelo que será aumentado para 5,00, embora saibamos que isto, de modo algum, queira significar que tenhamos o nosso déficit diminuído; é apenas uma compensação que esperamos, seja compreendida pelos nossos amigos e leitores.

Todos que estão mais ou menos ligados às atividades de carácter cultural, sabem, quão difícil é manter uma publicação no gênero.

Do número 13 em diante, entretanto, pretendemos, se possível, dar nova feição à revista e procurar tirá-la normalmente. São antigos planos, que quem sabe, poderemos realizar.

Interrogado, assim se expressou o poeta **EDSON REGIS**, inegavelmente uma das mais curiosas e importantes figuras da nova geração poética do Brasil, a respeito de "SUL":

"Pelo que me disse Walmor Cardoso da Silva, a revista "SUL" luta com mais dificuldades para sair três ou quatro vezes por ano do que qualquer outra publicação de jovens do Brasil. Assim mesmo, quando ela chega no Recife, parece trazer para o norte toda a violência do vento sul. E se o povo catarinense sabe reagir e enfrentar a força do vento sul, os jovens da revista do Círculo de Arte Moderna têm sabido reagir, galhardamente, contra um vento muito pior, o vento da decadência."

Edson Regis

Recife, setembro 1950

Na Capa, uma escultura de Bruno Giorgi, que ainda recentemente fez uma mostra retrospectiva da sua obra escultórica, expondo-a no salão do "Museu de Arte Moderna de São Paulo".

Entre os 38 trabalhos expostos, figurava o de n. 22, "Máscara e Rosto", que ele doou ao Museu de Arte Moderna de Florianópolis, atualmente quase desaparecido, devido a inércia da comissão encarregada do mesmo.

Sua exposição não teve a ressonância que merecia, mas Bruno Giorgi é, sem dúvida alguma, um dos artistas mais sinceros que existe no Brasil e está, por certo, acima dessas coisas; por isto, não temos dúvida, não há de esmorecer, e temos certeza que ainda muito podemos esperar dele.

Nesta pequena nota vai toda a nossa solidariedade ao artista que ele representa, e a quem é impossível negar pois, conforme acentua Mário Neme, "um artista tão capaz de emoção — tem que ser um grande artista".

O papel deste número de SUL foi doado pela Prefeitura Municipal de Florianópolis, pelo que nos sentimos gratos a pessoa do sr. dr. Adalberto Tolentino de Carvalho, D. D. Prefeito da Capital.

Aquí ficam, portanto, consignados os sinceros agradecimentos do Círculo de Arte Moderna, por este auxílio a nós prestado.

DE ANTÔNIO PALADINO

(24-8-1925 — 20-5-1950)

2 DE JULHO

ANOITECENDO

Do espaço, do alto, muito do alto, pareciam provir estes primeiros acordes fúnebres da "Rapsódia Húngara n. 2".

Era o dia 2 de julho que lentamente despontava. E despontava trazendo consigo esse cunho misterioso, meio agourento, meio adorável. E por detraz dos montes, os primeiros raios turvos do sol, imprecisos, custosamente o espesso nevoeiro atravessam. E o alvorecer parecia sombrio, muito agourento, muito adorável. Era o meu querido 2 de julho que lentamente despontava.

Você sabe, 2 de julho, você é inesquecível para mim. É tão saudoso, tão significativo, tão diferente dos outros dias. E hoje, passado mais um ano, eu o saúdo de novo, incomparável dia. Sinto em mim aquele embargo tão doce, tão triste, aquela melancolia estranha que de vez em quando nos proporciona essa suavemente acobrunhadora coisa que é a saudade. E já não sou mais aquele expansivo jovem rapaz, que tem um sorriso para todos os instantes, e uma gargalhada para todos os revezes. Vivo, agora, a vida interior de mim mesmo. Essa vida que é a vida da alma, de coração desabafando a dor de todas as máguas acumuladas. Sou, agora, aquele triste jovem sofredor, tão contrastante e incompatível com a sua própria aparente personalidade. E sinto a angústia toda do passado, o golpe mortificante da realidade. Golpe que atrofia a mais acalentadora das ilusões, e o melhor dos sentimentos humanos, a bondade.

Eu reconheço conscientemente, querido dia, que pertenço ainda a essa mentalidade antiquada que vive a vida contraproducente do pretérito. Os seus mais incomuns e marcantes momentos, que são, justamente esses momentos de muita alegria e muita tristeza. Mas, assim sou eu 2 de julho. Um temperamento meio melancólico, meio astral. Um temperamento paradoxal que busca o belo no feio e o alegre no triste. E por falar em paradoxo, que coisa estranha está se passando conosco, 2 de julho? Eu tão cabisbaixo, tão sofredor e você... Oh! coisa acobrunhadora. Você vai ficando tão faceiro, tão vivo, tão radioso. Parece até rir do meu estado, um riso gostoso, cruel e mordaz. Mas não, custo a crer que tal seja verdade. Talvez seja a minha imaginação brincando comigo outra vez. Ela já me tem fabricado complexos de dúvida, inconcebíveis e ilusórios. Simples "folguedos" do espírito que não duram mais que horas. Horas que se passam numa sucessão de instantes incoerentes e terríveis que parecem não acabar mais.

EM MAIO DE 1950

É muito triste quando se está sozinho em seu quarto, acompanhado apenas pelos pensamentos. Depois quando ainda se é doente e sabe-se que vai morrer muito breve, essa tristeza se torna mais negra do que todas as outras, uma tristeza de abismo, de cáos, sei lá quê.

Gigantesca ponte sem começo e sem fim. De vigas enormes, pretas. Estrada larga, espaçosa. Já me sinto aborrecido, sem socêgo, sem animação. Um trecho, um bem pequeno trecho percorrido. Falta o resto. Todo o resto desconhecido, medonho, a percorrer ainda. Uma multidão de pessoas me acompanha. Umhas mais fortes que eu, outras mais fracas. Algumas já curvadas pelo cansaço da jornada. Muitas alegres, muitas tristonhas. A ponte é imensa, formidável. E eu caminho sozinho, indiferente, e cantando a canção sem som, sem eco que nunca vibra fora de mim mesmo. A meu redor pessoas se esbatem, agonizam. Gemidos. Gargalhadas. Sofrimentos. Homens que caem. Homens que se erguem. Os infelizes socorrendo os desgraçados. Os felizes aplaudindo os venturosos. A inveja dos que caem e não se levantam mais. O pouco caso dos que se levantam e não caem mais.

Sinto o silêncio
O silêncio nostálgico das tardes de outono.
E um langor lasso
Enfadonho
Medonho
E o tédio que nasce de tudo o que faço.

Sinto a tristeza
A tristeza invulgar das tardes de outono.
E uma apatia estranha
Doentia
Sombria
E o descanso insensato que tudo acompanha

Sinto a saudade
A saudade nascida das tardes de outono.
E um vago prazer
Agradável
Adorável
É a paz efêmera que empolga meu ser.

Uma brisa fresca sacode o arvoredo
Folhas secas despenham-se no espaço
Há silêncio, há tristeza, há saudade
E a tarde vai fugindo, fugindo
Passo a Passo.

Mas, por que 2 de julho, por que essa sua sobérbia, esse seu esplendor? Jamais foi assim. Sempre o conheci tão pálido, tão silencioso, tão diferente dos outros dias. Julgava-o um reflexo do meu recolhimento, um pouco de mim mesmo. Vamos, acompanhe-me na minha nostalgia. Seja o confidente do meu passado. Você sabe, 2 de julho, você sabe quantas recordações me trazem essas suas passagens visitas a cada ano que passa? Você faz sobreviver um pouco da minha infância. Ser criança outra vez. Vive-la novamente. Você é o significado sublime de duas almas incomparáveis, importantes do meu passado. Almas simples, boas, sinceras. Almas inoidiváveis para mim. Representa a grandeza misteriosa de um momento e a pungente plenitude medonha de outra. No primeiro, a aurora que surge, no segundo, a mesma soberana aurora esmaecendo. Nessa, a morte, a escuridão, o fim de tudo, extinguindo-se no nada. Naquela, a vida, a luz, esse começo radiante de todas as coisas, surgindo do nada. Assim somos nós, 2 de julho, viemos do nada e lentamente, passo a passo, para ele caminhamos.

Eu me abato, triste, muito triste, sob o peso das recordações que a sua presença me causa. E vou recordando esse indelevel passado. Vejo u'a mãe, aquela saudosa mãe que sempre a vida me tinha encantado. E o avô velhinho, risonho, muito alegre, juntos, lado a lado, correndo muito, correndo, correndo... vindo me abraçar. Oh! glorioso momento. Único, imorredouro e admirável momento. Quantos beijos, quantas lágrimas, e afagos, e murmúrios, e muita felicidade. A satisfação indefinível do material encontrando o abstrato irretornável. O conforto ansiado da alma, elevada ao gáudio sublime e utópico do paraíso. Sentimento fugaz, inútil, traiçoeiro; porque logo tudo se acaba, tudo se normaliza e se desencanta. E nós sentimos, então, esse vácuo profundo de decepção que a imagem nos causa. O sófrego desejo de nos fartar daquilo que tão pouco nos satisfiz. Desilusão, só desilusão, depois. E o tempo continua a correr naquele seu mesmo ritmo inexorável de sempre. Assim é a vida, 2 de julho. A vida são simples quimeras. A felicidade em um instante, a desilusão logo após. Ela é uma eterna mentira, uma comédia estupenda.

Mas, coisa estranha, companheiro dia. Você já não está brilhando com aquela mesma intensidade de antes. O seu fulgor empalidece e a voz de seus pássaros já não soa mais. Você parece ter me ouvido, 2 de julho, e vai escurecendo mais e mais, escurecendo muito, escurecendo...

Ah! Continue a ouvir-me, 2 de julho. Ouça-me, ouça-me, e saiba toda a minha história. Talvez você ainda chore como eu já chorei muito antigamente.

Florianópolis, 2 de julho de 1946.

Poetas de Portugal

PRECE

Senhor, deito-me na cama
coberto de sofrimento;
e a todo o comprimento
sou sete palmos de lama;
sete palmos de excremento
da terra mãe que me chama

Senhor, ergo-me do fim
desta minha condição.
onde era sim, digo não
onde era não, digo sim;
mas não calo a voz do chão
que grita dentro de mim.

Senhor, acaba comigo
antes do dia marcado;
um golpe bem acertado,
o tiro dum inimigo...
Qualquer pretexto tirado
dos sarcasmos que te digo.

Miguel Torga

CARNE VIVA

Aquela antiga beleza
que vem descendo o passeio
com seu grande ar de realeza
seu velho fôlho de cassa
no peitilho de entremeio,
diante duma vidraça
das tais que opuseram a gente
para a sonhar longamente...
E ao voltar-se, de repente
estende a mão a quem passa!

Aqueles pobres dementes
qualquer um octogenário,
que ao fim da tarde são nentes
quando o não são todo o dia,
nesse jardim solitário,
vivem tão sem companhia
que não têm na pensão
em que há mil anos estão
nem quem lhes pregue um botão
nem quem lhes dê um bom dia...

Aquele pintor doente
que dizem ter muito geito,
vive num bar indecente
em que o seu sonho requinta
e aumenta o seu mal de peito;
não tem pincéis, não tem tinta...
E se parece que reza
olhando o mármore da mesa
é a pintar com certeza
os quadros que nunca pinta!

José Régio

BANCARROTA

Esperarei por mim em vão. Suando rezas
pragas, versos subtis, ruivas saudades
arrastei minhas horas indefesas
entre chusmas e fundas soledades

Tive palácios de imortais certezas
com seus jardins de passear vaidades,
virtudes compassadas e burguesas
e dos sem nome, como o prêsso às grades.

Fui o fiel-conviva-de-banquetes
o pálido com-alma-para-vender
nos mercados dos filhos de seus pais

Subi-me ao céu nas canas dos foguetes;
fiz-me ladrão de sonhos pra vencer
e sei apenas que não posso mais!

Antônio de Sousa

REPOUSO DE MIM

Infância, repouso de mim,
nada aos mergulhos nos lagos azuis do meu jardim.

Infância, repouso de mim,
em fermentos de rosas e de jasmim.

Infância, repouso de mim,
indiferente ao que seja ou não seja assim.

Infância, repouso de mim,
sem os zelos de que sou nem pra o que vim.

Infância, repouso de mim,
como foi que tão depressa chegaste ao fim?!

Manuel Pinto

A PÓÇA

(a Elio Ballstaedt)

— Eu, a humilde poça, agora arrasto
pelo lodo a miséria que estás vendo...
disse-me o charco, trêmulo colhendo
uns lampejos errantes no céu vasto...

Deixei na serra onde nasci o rasto
duma aventura em glória e sonho ardendo,
fio de água murmuro correndo
pelo corpo das rochas branco e casto.

Quebrou-se o meu destino: não cheguei
a ser rio, mas nas plantas que beije
e nas flores, fui o sangue de quem ama!

... Hoje, ao surgir a noite cintilante
adormeço a sonhar com a luz distante
das estrelas que reflecte a minha lama...

Jorge Ramos

(INÉDITOS para SUL).

OUTRA MANHÃ

EGLE MALHEIROS

Eu hoje, mais uma vez, vi o nascer do sol. Levantei-me bem devagar para que não me ouvissem. Estava frio. Não devo apanhar frio vivem a me dizer. É claro. Devo conservar um equilíbrio precário em cima de uma corda que fatalmente arrebentará. Que importa!

A janela aberta ofertou-me um abraço gelado, mas com gosto de vida. O abraço da morte também deve ser gelido. Mas não me falará de orvalho e de pássaros recém-acordados... O sol a princípio era uma promessa suave e longínqua. Beijou em pensamento umas árvores afastadas. E foi varrendo a noite delicadamente, tão de manso que a noite nem sentiu. O sol afasta a noite. Eu temo a noite. A gente pode não acordar. As árvores perto de minha janela têm braços enormes. Na escuridão elas parecem uma multidão de duendes dansando. Tentando me agarrar. Quando o sono vem eu tenho que dormir. Mesmo que não queira. Dá medo. Mas pelo menos as árvores não movem os tentáculos.

Quando o sol apareceu seus raios pareciam molhados de rocío. Os últimos sonhos noturnos esconderam-se nas árvores. E eu senti o calor do sol, o calor da vida. Deixei que ele me envolvesse. Comi com os olhos a natureza em redor. Aspirei o cheiro da manhã. Bastante. Muito. Avildamente. É preciso que eu faça assim, pois posso não ver outra manhã.

Não ver outra manhã... Um dia não acordar... Deixar tudo... Não! Por pior que seja tudo.

E a vida que eu levo só para poder ver outra manhã! Não corro. Não grito. Não danso. Não brinco. Calma e lentidão em torno de mim. Todos são lagos parados quando se aproximam.

E eu sou também água parada. Mas o sou por força das circunstâncias. Ou por covardia?

Porque não faço uma violência? Acabar com tudo... Impossível... Estou presa a esse simulacro de vida. Odeio-o e não o quero perder.

A culpa é deles. Descerraram o véu que escondia as mil belezas da vida. Sei que jamais as alcançarei. Sou porém covarde para renunciar a elas em definitivo.

Que prazer cruel o deles. Deixaram-me ouvir Beethoven, Debussy... Me ensinaram a ler. E a ler poesia. Encontrei, através da sensibilidade de outros, mundos que somente adivinhara. Porisso eu não quero morrer. Ver outros dias de sol... Sentir expressa em música toda a beleza das árvores molhadas de luar. E eles sabiam que eu perderia tudo isso... Deixassem-me selvagem e cega para a beleza. Prazer cruel. Dedilham as cordas sensíveis de meu "eu", com orgulho. Vaidade de possuir filha tão terna. Sou porém instrumento passageiro. Amanhã poderei estar calada...

Como eles mentem! Talvez a única verdade se encontre mesmo na vida que eu observei esta manhã. Mentir é tão fácil para eles. Nunca tiveram coragem de falar francamente. Foi por acaso que vim a saber qualquer coisa a respeito de buraco de Butal. Soube por acaso. Uma conversa em tom mais elevado. A custo me disseram a verdade. Só então eu compreendi a vida diferente que levava até então. Vida que deve continuar até...

São meus pais e eu não os amo... Como posso porém amar se eu não vivo? Talvez eu ame gente e vidas desconhecidas. Porém eu só posso chamar amor ao que sinto pela natureza. É preciso que a adore. Um dia vou fazer parte dela. É o único meio de continuar. O único meio de viver além dessa comédia. É necessário que eu a compreenda. Que me confunda com ela. Quando... quando eu acabar, serei fosfato ou gordura.

Sou apenas um acumulado de forças vitais. Estou encerrada. Claro. Tenho certeza de tudo isso. Mas tenho medo. Chego a ter horror de minha realização.

Se eu raciocinasse friamente, acabaria com tudo... Mas existem tantas belezas. E a vida que me cerca... A natureza... Não. É preciso que me trate. É preciso que eu veja ao menos outra manhã.



XILOGRAVURA de Marcelo Grassmann

Elogio Del Ademán — Circo Teatro Danza

Divagación en torno a Jean Louis-Barrault

BLANCA TERRA VIERA

Es corriente, frágil, casi de orden natural, referirse a la tristeza del Circo cuando abandonan los carros la ciudad y dejan una gran isla de polvo donde el color tenía hasta ayer su cubierta de carpa.

Nunca pensé en las profundas corrientes que llevan del Teatro al viejo y eterno Circo, hasta el mismo día de ayer, cuando desde una calle diaria, soleada, traficante, vi el abierto bostezo de una sala de Teatro en abandono y los grandes transportes que se hinchaban y comenzaban a desbordar por barandillas con el equipaje de Barrault-Renaud.

Entonces, me volvió, frente la soledad de este espectáculo, perdido no se sabe por cuánto tiempo, el título de una obra y el sabor exato de sus palabras: "Una Troupe y sus actores".

Los ví unidos al Circo, con el mismo abandono en la partida, con el mismo aire enrarecido en el redondel y con la misma acunada sed viajera trepada por cajones, embalajes y nombres que encienden como estandartes la gloria del viaje, del trapecio y también del amor.

Pero más hondo está el alma que une por la emoción la trama de estos contrarios similares. Teatro-Circo. Comico y actor.

Y nadie lo sabe entonces mejor que este joven Barrault, danzarín de su alma, cómico de la Tragedia, ardoroso espectro de sus luchas. Mimo, tráfuga, actor.

Uníéndose, no desdoblándose en la representable acción de un ser que se ha hundido en la penumbra luminosa de su estrella. Monologuista. Ausente rincón de sueño, albergando una presencia en lucha, en trágica niebla y en clarísima concepción estética. No creando, viviendo con la piel, la sal, el bueso, el silencio, la posición y el mando un mismo ser en todos los días y las obras: el hombre doloroso, trágico e indeterminante. Soñador e pagano. Baco, Apolo y Mercurio.

Barrault. Cómico, colorista, terrible trapecista de la emoción, sostenedor de pesos terroríficos, ilusionista, transformando palomas en castillos, soledad en amor. Ejecutor y paso de las nubes. Su "troupe" marcha con una avanzada niebla de espumas, es decir de poesía, y le sigue el peso lento, audaz, y portentoso de sus carros que abren luego el iris de la escena, del teatro, del Porvenir, del Sueño y tal vez del Espanto. Así dejan su ruedo, descubierto, solo, con aire enrarecido, con nombres adheridos hasta el suelo, gritándolo siempre en las paredes, el techo, y las luces estos cómicos que ahora se llevan, pegados a los carros, el signo admirativo y el esbalón de sueño de nuestros días festivos con solo su presencia.

Una enseñanza alternan a la nube; la sabia progresión del ademán, la útil valoración de los vocablos y el justo precio del silencio — Es decir, saben callar, hablar y determinan. En Barrault esto crece a la Danza y un hombre es un ser que dibuja su vida, como el antiguo relive en el bajo de las construcciones señaladas.

Aquí está el Circo. Internacional. Sabido por el gesto — Casi sin vocablos. Quizás esté también, este grande y nunca dicho justamente, Chaplin, equilibrista del mundo en la quinta posición, eternizada sus pies amorfos al calzado. El también sabe el gesto, y la soledad. La suave modulación de una mano y el arriesgado paso porque nos hallamos o nos perdemos definitivamente. Todo es andar. Moverse por los surcos de la Tierra. Cruzar estrellas en le sueño y pisar sin descanso el mismo punto del que

van a nacer bien pronto las lágrimas en el descanso. — Barrault sabe que el hombre no tiene otro imperativo que su gesto — su propio silencio y sus propias palabras nacen antes, en la raíz del ademán.

Todo lo abrazamos y todo lo perdemos por los manos abiertos o los pies que se chocan, que como anotó Serge Liffar, "En el Principio fué la Danza".

Esta valoración, esta fé crecida en un Dios Danzarín como el que clamaba Nietzsche, es el recuerdo que se prende a las tablas y a los trajes cuando abandonan el Teatro y el país. Entonces, desde el viaje, el silencio y el color que se llevan, el leirco assiste por nuestros ojos y nuestro pulso recién estremecido, a despedir por una vez a un Cómico, sin redondel ni carpa, que también con su "Troupe" reveló el ademán como gran circunstancia del mundo. Y una estética nace de su gesto.

Buenos Aires, 1950.

Breve Evocação de Pôrto Alegre

Luiz Carlos de Arapey.

Cidade da música
e das portas do futuro;
depois,
cidade da triste canção dos ventos,
cemitério de meninos
e silêncio.

Ano a ano
amigos vivos
amigos mortos.

Na manhã de inverno
viajei,
não sei si vivo ou morto estava,
tanto me havia despedido
em oito anos.

Pôr de sol
diálogos submersos no largo rio,
mais lírico do que o Prata,
menos trágico do que o Volga,
todos afogados sonhos.

Rio,

REMINISCÊNCIAS

Archibaldo Cabral Neves

Puxou o relógio do bolso. Por uns momentos fixou os ponteiros dos segundos que corriam vertiginosamente. Seu pensamento começou a perambular lá dentro do cérebro. Não demorou muito e deu-se conta de si. Olhou para o relógio mais uma vez e finalmente decidiu, iria falar-lhe. Não poderia mais aguentar aquela situação, não mais a suportaria sequer um instante. Aquela incerteza preferia a realidade. Circunvagou os olhos em derredor. Viu somente roupas, sapatos e alguns chapéus; caras sem qualquer significação para ele. Nenhum conhecido. E, se os houvesse? Nada adiantaria, teria de resolver ele mesmo o seu problema. Sim, não vacilar. Em quinze minutos sairia o ônibus. Durante a meia hora que o separava do seu destino, tinha o tempo suficiente para pensar no que lhe diria e como haveria de dizer-lhe. A indecisão entretanto permanecia. Sua atenção, por um momento, caminhou para uma mesa do lado, onde um senhor de meia idade lia um jornal. "OS JOVENS PROCURAM A MORTE" dizia a manchete da última página. Procurou saber do que se tratava, mas um olhar mais severo do seu visinho o dissuadiu. Tem, quando muito, uns cinquenta anos; entre quarenta e cinco e cinquenta, pensou. Notou-lhe no dedo anular esquerdo um anel azul. Engenheiro? De certo. Quantos sonhos, quantos projetos, e quantas desilusões? Agora, ali estava, a ler, sem dúvida, as últimas da política. Chegaria ele a ser também assim um dia? Sentiu medo.

Os ponteiros do relógio giravam rapidamente, já quasi se haviam escoado os quinze minutos. Finalmente levantou-se. Sem titubear, pegou um níquel, jogou-o sobre a mesa, e dirigiu-se apressado para o ônibus que não demoraria a sair. Logo estava em caminho.

Enquanto as rodas do veículo deslizavam no paralelepípedo viu-se a andar pelos caminhos da adolescência. 16 anos. Havia recém terminado o seu curso ginásial e eram somente sonhos e vontade de realizar grandes coisas o que trazia consigo. Agora, bem pouca coisa restava de tudo aquilo. Algumas vezes, chegara mesmo a pensar que os contos de fadas, aquelas histórias ingênuas de anões e princesas, eram uma como que válvula de escape que as pessoas adultas servem às crianças para que, quando estas forem crescendo, não se deixem vencer tão facilmente pela vida. 16 anos. Alegria. Despreocupação, e tinha então do mundo, uma idéia bem diferente e irreal.

Crescemos esperando que o mundo seja como nos idealizaram, logo nos enganamos. Sentimo-nos sós. Vamos então buscar na religião um apoio, um esquecimento para as nossas incertezas. Invocamos uma divindade que também nos foi impingida ao nascermos, e procuramos esquecer aqueles problemas que nos afligem. Porém, e se não temos motivos para crer e nem nos queremos enganar? Então, somos mais sós do que nunca, e somente a morte é a solução, pensamos. O suicídio. Mas não, nada resolveria; apenas desapareceríamos. Temos medo de enfrentar a vida e fugimos. Não é justo. É covardia. É fuga.

Diversas vezes procurara chegar a uma solução e somente conseguira se certificar que aquilo não passava



DESENHO de Hugo Mund Jr.

senão de uma fuga. E como lhe soavam mal estas quatro letras. E nada solucionavam. Tinha de encarar os fatos. O suicídio não resolveria coisa alguma. Quando muito, lhe tiraria as responsabilidades, e outros as acarretariam. Se tem que ser muito forte para poder suportar a vida; cada vez mais se convencera disso. Nada lhe parecia tão difícil como o de poder sobreviver neste mundo, onde sabia que a bondade, verdade, sinceridade, eram apenas ecos, palavras que nada exprimiam, apenas sílabas sem significado. Sim, era preciso ser muito forte. Para o suicídio, ao contrário; um tiro, um gole, apenas um minuto de coragem e pronto, não teria mais qualquer complicação. Acabaria com os seus problemas. Morreria. Tudo acabado. Fugiria da vida suas mesquinhas, suas desilusões. "Viver era muitíssimo mais difícil".

Não, não agiria como um covarde. Afinal não era ele por certo, o único a sentir a desilusão dos sonhos. Isto o reconfortou um pouco. Iria falar-lhe, sim, mas apenas para chegar a uma conclusão e, fôsse ela qual fôsse, não se deixaria vencer. Não fugiria pela morte. Poderia ainda mais vezes sentir aquela alegria saudável das primaveras, as belas tardes ensolaradas, a vida enfim. Agora a veria com outros olhos e melhor a compreenderia. E isto o reconfortou bastante. Sorriu.

Ao descer do ônibus, dirigiu-se para uma casa que ficava em frente. Decidido, bateu na porta. Depois, pôs-se a esperar.

A propósito de "Dádiva" --- poemas de Luís Amaro

por Salim Miguel

Diz T. S. Eliot que poesia não pode ser simplesmente forma ou conteúdo. Porque: "... Pois se apreciamos a forma poética e seu conteúdo nos deixa indiferentes, a poesia é apenas virtuosismo; e, pelo contrário, se podemos nos fixar nas idéias, desinteressando-nos da expressão verbal, o que lemos é para nós simplesmente má prosa."

Deve, então, a poesia, ser ambas as coisas se unindo, se entrelaçando e completando... Para nós, também, assim é. Porque só desta maneira se conseguirá equilíbrio, harmonia.

Hoje porém há como que um delírio geral, um des-norteamento coletivo. Não se admite meio termo. É tudo ou nada. São uns inteiramente conteudistas e outros formalistas. E todos se descompõem mutuamente julgando estar com a verdade única.

A poética de nossos dias se ressentida de muitos males. E o menor deles não será a pouca ou nenhuma estima dos poetas para com a coisa poética em si, o estudo desta, o aperfeiçoamento no manejo do verso. Talvez que à nossa época conturbada caiba a culpa.

O poeta capta, apreende e transmite tudo o que a sua percepção, sensibilidade, em maior ou menor grau, soube ver. Mas, para isso, muitos fatores interiores e exteriores influem. E o poeta é um ser do mundo, igual às demais pessoas, apenas com mais receptividade. E como tal mais sensível e que mais sofre. Sofre a influência de tudo que o cerca, que os demais homens não vêm, que o atinge mais fundo, sensorialmente. É como um espelho ultrasensível, que não somente recebe a imagem e a reflete, mas igualmente a deforma e transmite à sua imagem e semelhança, dando parte de si, de acordo com sua própria maneira de sentir.

O poeta transforma e nos apresenta metamorfoseadas as coisas que vemos todo-dia, sempre, sem ver. Eis que diante de nós, de nossa casa, do lugar onde trabalhamos, nos nossos passeios e diversões, em toda parte por onde passamos e em tudo, a poesia está, impregnando a natureza, fazendo parte de tudo, sendo esse "tudo". Estando nas coisas e em nós, dependendo de saber descobri-la. Como diz o poeta espanhol: "Podrá no haber poetas, pero siempre habrá poesia." (G. A. Becquer) Porém, sem o poeta para nós-la indicar, essa poesia nós muitas vezes não a vemos. É preciso que venha então o poeta, venha extrair de dentro de nós, das coisas, ou de dentro dele para nós, a poesia, e mostrá-la, pô-la à luz.

Essas considerações rápidas e gerais nos vieram à mente por motivo da leitura do volume "Dádiva" — poemas de Luís Amaro, edição Portucalia, gentilmente a nós remetido com outros livros pelo bom amigo de Portugal, escritor Manoel Pinto.

São poemas simples, humanos, com uma linguagem fluente, sem malabarismos nem inúteis jogos de palavras. O poeta conhece e sabe manejar seu instrumento. E o faz com seriedade, cónscio de que um poeta também tem responsabilidades dentro do mundo e que não pode nem deve ser um mero diletante. As poesias de Luís Amaro resumam humanidade. Um leve pessimismo, um desencanto, mas nunca destituídos se bem que de remota esperança, é o tom geral dos poemas. O poeta sente o mundo e sofre com ele. Vibra e estende as mãos para seus irmãos.

O volume abre com "Novela": "Aquêl desejo / de construir uma vida / Que só a mim pertencesse / não passou de uma ilusão / Que derruiu fatalmente. /". Mas o poeta não fica aí, o que seria uma atitude de derrota. E continúa, para depois concluir: "E hoje / Esquecendo o que já foi / Vou modelando outro sonho / Que se dispersa por tudo / o que meus olhos divisam / E meu coração entende. /".

O poeta, que tem muito vivo o "sentimento do mundo", olha e espera, a procura de uma solução; solução para si e para tudo que o rodeia. Ah, mas quão triste e desesperado se lhe patenteia tudo! A incompreensão, a dor, a morte, as guerras, os homens-feras de volta às cavernas, os homens-máquinas com emoções estereoti-

padas, sentimentos estandardizados. Vem então um desejo mais forte de poder ajudar. E é através de si próprio que ele vê os outros. Por isto exclama: "Ser mais humano. Erguer / Bem alto, nos meus braços. / A vida que se retrai / às minhas súplicas ardentes... / "(Adolecente) Porém, como tudo é difícil, como para cada um a vida se entremostra tão diferente e tão cheia de contradições! Que fazer?

O essencial, para o poeta, é conhecer intensamente seu meio de expressão. Saber valorizar as palavras, formar as frases, dar um ritmo próprio, uma musicalidade "sua", se assim nos é dado falar, à sua poética, aproveitar, utilizar as conquistas anteriores, mas sem a elas se sujeitar. Saber transmitir aos demais os seus momentos, fazer com que esses momentos tenham identidade com os de demais pessoas, deixar os outros descobrir nos versos afinidades... O poeta, para isto, deve ser acima de tudo fiel a si mesmo. Não se dar ao gosto fácil pelo mero prazer de agradar. Nunca temporizar. Os outros devem compreendê-lo e amá-lo pelo que ele é, pelo que ambos — poeta e leitores — possam ter de semelhança própria, natural, não forçada, não rebuscada. Para isto, porém, é preciso que o poeta seja sincero, puro, que possua a ingenuidade satânica e a malícia e pureza da criança no captar tudo que o rodeia, no transmitir. Nunca, é lógico, ser obscuro ou límpido pelo mero prazer ou desejo de agradar parecendo difícil ou fácil. Mas ser uma coisa ou outra quando o seu temperamento ou a ocasião assim o exigir.

Porque, nós leitores, para nos integrarmos, para sentimentos o que o poeta nos quiz dizer ou sugerir, não é preciso muito, ou tudo ainda é pouco. Basta às vezes uma frase, uma linha apenas, um simples verso, até mesmo uma palavra dentro de um enorme poema, para só ela, apenas, nos deixar em "estado poético", como diz com muito acerto o Abade H. Bremond. Portanto, a questão de ser compreendido ou não, não deve preocupar o poeta — quando ele é poeta de fato. Porque, mais hoje mais amanhã sua mensagem será percebida, a beleza dos versos compreendida.

Luiz Amaro é poeta. Luiz Amaro é um poeta dos vagos desejos, das aspirações íntimas, das pequeninas coisas (a thing of beauty is a joy for ever — Keats), dos sentimentos humanos tratados com delicadeza e pureza, das belezas que há na vida que nos rodeia com suas simplicidades e coisas banais de todo dia, com suas aparentes insignificâncias, mas onde a beleza está escondida sem que a vejamos.

Então ele vem, poeta que é, ser privilegiado, nos toma pela mão, nos conduz. E em versos livres, puros, frescos, de um repelão brusco, abre a cortina e nos revela, nos desvenda, expõe à vista o que ali estava tão perto de nós, a nos rodear. Como em "Domingo". Assim: "A distância entre mim e o que me circunda / Sempre a repercutir-se nos meus gestos / Aflige-me e dói-me. / Olho para aquela rua vagamente / olho em volta de mim neste café longínquo, / E todas as coisas não significam coisa alguma / e toda a gente tem escrita no rosto / Quanta traição da vida /".

As palavras são poucas mas precisas, o clima é sombrio, cinzento; os vocábulos são simples mas bem jogados, bem dosados, sem virtuosismo nem esbanjamentos. O quadro que nos sugere é de livre tristeza, de monotonia, talvez de fundo desencanto. "Vemos" o domingo, as ruas vazias, o café solitário. Mas o estado natural do poeta, nos parece, é este. Sua alma semelha um café solitário onde "todas as coisas não significam coisa alguma". Então, só assim ele pode ser e falso seria mostrar-se de forma diversa, querer se iludir e ao leitor. Como concluir então desta tristeza de vida? Só assim: "... Cansado do espetáculo. / Abandono esta mesa de café / E vou passear ilusões impossíveis, / Até que a noite venha e me recolha / A solidão de meu quarto, / Mão vazias e coração intranquilo. /".

Aliás, a meu ver, é este um dos mais completos e característicos poemas do livro. Como forma, como conteúdo,

do, como maneira de ver e sentir do poeta. Aqui se podem divisar ainda todas as virtudes e defeitos do poeta Luiz Amaro. Virtudes e defeitos próprios do artista que se inicia. Virtudes e defeitos inerentes à natureza humana.

Talvez, o que mais nos desagrade no poeta seja, às vezes, uma leve monotonia do verso, uma quebra do ritmo melódico, a mesma tecla repetida até a exaustão, certa dureza da frase poética, um como cansaço — se assim se pode chamar — e desenganço de tudo, que se reflete em demasia. (Mas talvez nós o tenhamos visto assim porque é desta forma que nos sentimos.) Disto tudo porém resulta que seus poemas, sem perder em vida, em humanidade, perdem contudo em vibração, em harmonia outras vezes em confiança, donde um leve titubeio.

A construção do verso é boa; o ritmo audaz; o emprego das palavras traz algumas inovações ousadas; a cadência, sendo como já frisamos, um tanto monótona, monocórdica pela maneira com as palavras são jogadas, nem por isto deixa de ser, em certos trechos, menos bela. Enfim, por tudo, sente-se a mão de um poeta. É lógico que sendo livro de um poeta novo (não sabemos mesmo se livro de estréia mas nos parece que sim), possua outras falhas, titubeie algumas vezes, poderia ter sido mais bem selecionado, depurado de vários poemas que, a nosso ver, quebram a uniformidade, o tom geral do livro. "Aceitação", "Sêde", "Programa", "Vendaval", contêm lugares comuns (o destino veio / e desfalhou a flor / do meu coração /), possuem expressões de mau gosto. Mas, contrapondo-se, a maioria, donde um bom saldo favorável ao poeta. Cumpre destacar, e já agora dum ponto de vista de gosto pessoal: "Domingo", "Protesto", "Pequeno Poema", "Intermédio", "Poema do Tempo Perdido", "Poesia", etc.

Mas, acima de tudo, a sinceridade que o poeta nos deixa perceber, a sinceridade e seriedade que transparece em seus poemas. Não procura ser original. Não procura o exótico, esse exotismo tão em moda, especialmente usado por alguns novos do Brasil, frisemos a bem da verdade. Pois não sei se o mesmo se dará em toda parte.

Luiz Amaro, como poeta, é o que é. A nosso ver, eis o maior elogio que se pode fazer a alguém. Procura se desvendar ao leitor, tornar-se íntimo. Seus poemas cuidam mais de estados d'alma, de emoções íntimas, dos sentimentos pessoais, mas sem nunca perder de vista o ser humano em geral. Com um leve sensualismo difuso, espalhado por tudo, que não se fixa num objetivo. É mais sensual do que sexual. Não há no volume poemas arrebatados de amor, versos líricos à amada. Luiz Amaro nos parece ser um introvertido, que se martiriza a custa de se analisar.

O último poema do livro é bem característico da maneira de ser do poeta, bem o define e à sua poética, dá a medida dos seus versos: "Poesia".

"Não te conheço / Nem sei teu nome. / Mas vives no meu sangue / E é quanto basta. Tua presença é um sonho / De toda hora. / Faz-me sofrer mas ilumina / A vida inteira / E a tua voz, tendo-a sempre / No coração, / És uma luz de primavera / Que doira e aquece a minha vida! / Chamo por ti quando me perco / Na noite fria, de pavor; / Tua lembrança é uma estrela. / É a estrela da manhã! / Chego de longe a sangrar / (toda a minha alma é uma chaga ...) / Mas tu vistes, na luz que envolve / E aquece e doira e minha vida! /".

Para nós, "Dádiva", de Luiz Amaro, foi uma verdadeira dádiva poética. Um bom livro de um bom poeta que ainda muito mais nos poderá oferecer. E aqui ficamos aguardando novos livros e torcendo por ele.

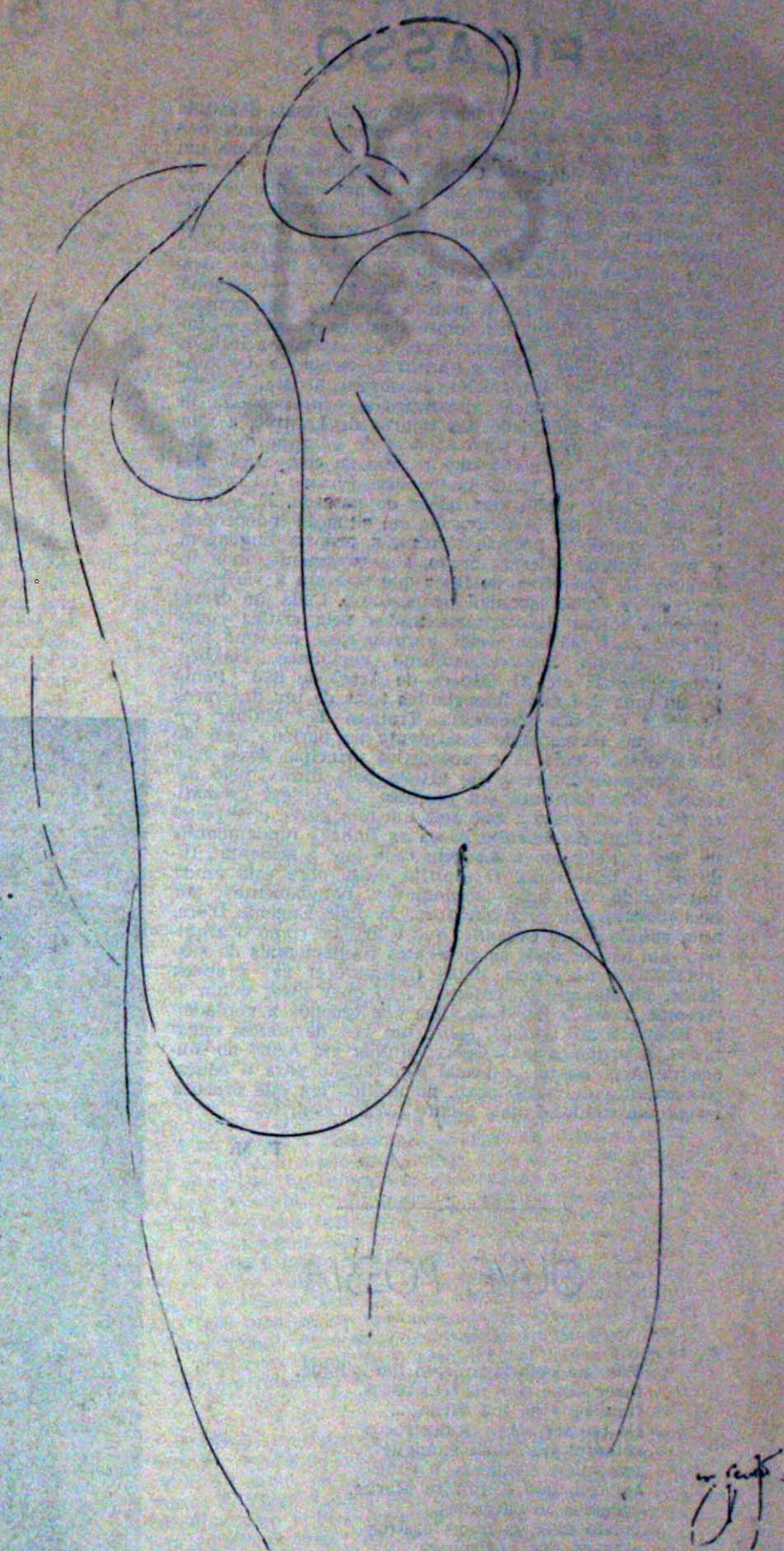
Fpolis., Julho de 1950.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA DE LOIO PERSIO

Em novembro teremos, patrocinada pelo "Círculo de Arte Moderna", a mostra de desenho e pintura de Loio Persio que no local da exposição realizará 3 palestras sobre "Os fundamentos da Pintura Moderna".

Esta será a 3ª. mostra individual de Loio Persio, um dos valores da nova geração.

DESENHO de Loio Persio



PICASSO

REFLEXÃO

O quixotesco Pablo Picasso é o pintor mais discutido do mundo contemporâneo. Desde meninote, quando deixara Barcelona com destino a Paris, já se revelara um temperamento inquieto. Chegou na França nos fins do século passado, justamente no momento em que se processava a grande revolução artística liderada por Monet, Sisley, Seurat, Cézanne, Van Gogh e Renoir. Os impressionistas ainda lutavam contra o academismo, a arte oficial e viciada. O espírito criador de Picasso identificou-se imediatamente ao daquele grupo revolucionário; o seu talento para a pintura absorveu sem grandes dificuldades a lição dos impressionistas e post — impressionista. Alguns quadros desta fase atestam a influência que Daumier, Toulouse-Lautrec, Renoir e Cézanne exerceram sobre o espírito de jovem artista. Experimentou assim a feição dramática e expressionista de Daumier; a humanidade das figuras de Lautrec, a vitalidade de Renoir e a lição plástica de Cézanne que chamava a atenção sobre a importância da composição das linhas e das cores num quadro. Mas Picasso foi sempre um devorador rápido das lições do passado. E, quando se deu pela coisa, já estava ele em situação independente, procurando a própria técnica, a própria linguagem, o seu caminho. Vieram então, sucessivamente, uma infinidade de pesquisas, de fases que marcam a variedade de criações desse espanhol tempestuoso. Cada um desses períodos foram depois classificados pela crítica como: período azul, período social, período rosa, cubismo analítico, período ibérico, cubismo curvilíneo, clássico, expressionista, etc. O "Museu de Arte" de São Paulo possui uma das mais importantes telas de um dos raros períodos da obra picassiana. Trata-se da "Mulher em Azul" que corresponde justamente ao período azul do início deste século. A característica principal dessa fase é o profundo interesse do artista pela forma, pelo desenho, pela estrutura em prejuízo da riqueza cromática. O azul empresta a essa tela um tom grave e respeitoso. A solidez do desenho busca as linhas fundamentais da figura, deixando a margem tudo que é acidental, tudo que é transitório. O espírito dessa obra está ainda impregnado das lições cezannianas, notadamente por essa preocupação pela estrutura. Já dizia Eugenio D'ors, num estudo sobre Cézanne, que o artista, como o arquiteto que não esconde os elementos fundamentais da sustentação de uma casa, deixa transparecer as grandes linhas eliminando o "enfeite". Isto quer dizer evitar o "trompe d'oil", a falsidade ótica que esconde a verdadeira beleza, a sinceridade, sobre um véu de efeitos enganosos. A presença pois, dessa "Mulher em Azul" no Museu de Arte assume especial significação para a educação artística do nosso povo, na medida em que procura traçar um caminho mais seguro para o espírito.

F. M.

OUVE, POESIA

Vou me embriagar com teu sangue,
fazer lume com os teus ossos,
fundir-me na tua carne...
Do teu ser sobre os destroços
colherei tua alma exangue
nas mãos sequiosas e rudes.
Do céu, que é infinito Marne,
veremos as latitudes,
pondo nele os nossos rastros
através dos horizontes.
E em fulgurante disfarce
se esguerão as nossas fronteiras,
as quais irão misturar-se
com as fronteiras virgens dos astros.

Gonçalves da Costa

Tarumirim, 9/7/50.

Da fonte elementar
nasceu apenas
calma à sede precoce
projetos aéreos,
mulheres e esboço de sexo.

Somos fonte, cegos no princípio,
não vemos o relógio,
o caminho ao meio-dia,
o cálix de ouro que poderíamos ter
nem a metafísica necessária.

Na colina ignota mas pressentida
agitam-se sinais semafóricos.
Abolimos o princípio, douramos o futuro
e contudo ainda vemos.

Quando virá o dia em que nos banharemos
no fundo no poço?

Rogério Chatagnier

(Curitiba).



Pablo Picasso — Retrato em Azul (período Azul). Coleção "Museu de Arte" de São Paulo. Doação de Helena e Walter Moreira Salles.

O CIGARRO DE TEÓFILO

JOSÉ DO PATROCÍNIO GALLOTTI

Teófilo não fumava. Não tinha o vício do fumo. Não que acreditasse que o fumo fizesse mal. Não ia atrás do que se dizia e escrevia, a tal respeito. Conhecia "Seu" Martins, que já tinha quasi oitenta anos e fumava, desesperadamente, desde os quinze. Não! Não fumava, porque não achava prazer no cigarro. Agora, ás vezes, numa roda de amigos, quando todos fumavam, dava-lhe — não sabia porque — vontade de por um cigarro na boca. E, então, pedia um cigarro e tirava aquelas bafaradas sem geito de quem não sabia fumar.

São quatro horas da tarde. Chove, desde a manhã. Teófilo está em casa. Não quiz afrontar aquele tempo medonho. Aquilo não era tempo para um cristão sair á rua. Ele, especialmente, que não era lá muito forte e estava com um começo de gripe. E, depois, na família, já houvera casos de parentes que tinham ficado fracos do peito. Não, ele não queria facilitar. Tinha medo de morrer, deixar a vida. De uns pés molhados para uma pneumonia era um passo e de uma pneumonia para o caixão era um pulo. Não, outros que se arriscassem. Ele preferia ficar em casa, dentro do seu pijama de pelucia, os pés metidos em meias de lã grossa, o pescoço abafado na quentura da manta que lhe fizera a mulher, dona Lucía.

Teófilo foi até á janela e olhou a rua, através da vidraca. Lá fóra, tudo estava vermelho e cinzento. O vermelho da lama. O cinzento do céu, da chuva. Até quando iria chover assim? Ele não sabia. Talvez, durante uma semana. Ou, quem sabe, mais. Podia até ser um novo dilúvio, como o que vem no velho Testamento. Isso ninguém podia saber. Só Deus. Só Deus? Não, que ele não acreditava em Deus. Choveria, enquanto houvesse água nas nuvens. Só estas é podiam saber. Como ia a gente calcular a quantidade de água que estava nas nuvens? Só Deus! Ora que idéia tivera ele! Como lhe viera ela á cabeça? Ele, um descrente, um ateu (e, por ironia, o pai lhe puzera o nome de Teófilo, isto é, amante de Deus)! Que coisa engraçada. Vem tanta coisa á cabeça da gente! Tanta coisa esquisita! Por que será? Não sabia explicar.

Teófilo olhou, de novo, o céu. Estava todo cinzento, cinzento escuro. Cinzento escuro como aquele couro que ele vira, na vespera, á porta de uma selaria, quando ia para o escritório. Achara o couro bonito, próprio para forrar aquelas poltronas da sala de estar. Quiz entrar na selaria, para perguntar o preço. Mas, não entrou. Estava atrazado e o Melo já devia estar cansado de esperá-lo, no escritório, para fecharem o negócio. Antes, tivesse entrado. O Melo teria ficado impaciente, iria embora, o negócio não se teria realizado. Que prejuízo sofrera! Milhares de cruzeiros perdidos! E, ainda, havia quem achasse que não se devia deixar para amanhã o que se podia fazer hoje! Qual o que! A sabedoria do povo, nem sempre, estava certa. Nem sempre? Quasi nunca. O povo... óra, vá a gente atrás do povo! O caso dêle. Teófilo, ali estava para mostrar o erro do proverbio: si o negócio tivesse sido adiado, não teria sido concluído e ele não tomaria o prejuizo que tomou. Depois, ele devia reconhecer uma coisa: que não tinha bossa para o comércio. Para o comércio era preciso tino. E mais ainda: Esperteza. E, positivamente, ele não tinha nem uma coisa, nem outra. Devia ter-se formado em Direito. A advocacia era uma carreira bonita, rendosa, limpa. O Doutor Moreira, aquele advogado moreno, alto, simpático, muito conhecido seu, que conhecera na casa do comendador Barata, ganhara, só numa falência, meses atraz, trezentos mil cruzeiros.

E a magistratura, então, que, que bela profissão, digna, séria, cercada do respeito de todos? Promotor Público, não, não desejaria ser. O seu temperamento não dava para aquilo de subir numa tribuna e gritar para os jurados: êsse homem, que aí está no banco dos réus, deve ficar na cadeia trinta anos. Trinta anos, uma existencia! Para médico, também, não serviria. Não tinha estomago forte. E, quando fosse preciso fazer uma operação? Só de lembrar-se do cheiro do cloroformio sentia náuseas. Apreciava muito a engenharia, mas era uma negação para a matemática. Não, decididamente, êle devia ter tirado o curso de Direito. Para comerciante é que não dava. Letras de cambio, promissórias, chéques, faturas, como tudo isso o aborrecia! E as desconfianças, as manhas, as competições, a concorrência, as palavras não cumpridas? E juros? e avaes e descontos? E mercadorias postas á disposição, para forçar um abatimento no preço? Egoísmo, tudo egoísmo. Deslealdade sobre deslealdade. Uns querendo enguilar os outros. As fisionomias estampando a ganancia. Os cerebros só pensando em lucros. Os corações, absolutamente, aridos. Nada de sentimento. Nenhuma idéia elevada. Dinheiro, dinheiro, dinheiro, e só dinheiro! Como se o dinheiro fosse o fim da vida humana! Amanhã, morria-se, ficava tudo aí. Não, o comércio, não havia dúvida nenhuma, era repugnante. Devia, então, mudar de profissão? Não era possível, agora. Já entrara para os quarenta e cinco. Não podia, mais, mudar de vida. Não se sentia com coragem de começar de novo. Tinha medo: não era brincado a responsabilidade que lhe pesava sobre os ombros: mulher e quatro filhos, dois já no ginásio. E, si fracassasse? Depois, vamos e venhamos, a que outra atividade poderia dedicar-se? Ah! si a gente pudesse voltar á mocidade, com a experiencia adquirida na idade madura, como seria diferente! Isso, entretanto, não passava de um sonho irrealizável. A vida era cinzento escuro como aquele céu de onde não parava de chover. Cinzento escuro como aquele couro que vira á porta da selaria, quando passava para o escritório. Bonito couro. Para onde teria ido? O que iriam fazer dele? Sapatos? Cintos? Almofadas? Bonés? Ou suspensórios? Ou carteiras para dinheiro? Ou pastas para papéis? Quando voltava para casa, êle, Teófilo entrara na selaria e perguntara pelo couro a um caixeiro. E o rapaz, com uma amabilidade que, estava se vendo, era ensinada, lhe informara: foi vendido neste instante. Aqui, o proverbio tinha applicação: não deixes para amanhã o que rodes fazer hoje. Se tivesse entrado na selaria, quando seguia para o escritório, o couro, agora, seria seu. A vida é assim. Os proverbios, ás vezes, são verdadeiros e, ás vezes, não. Tudo depende das circunstancias. Cada uma destas, por mínima que seja, pode influir poderosamente, acarretando falencias, naufrágios, suicídios, adulterios homicídios, casamentos, dores, prazeres. A vida é o resultado da soma das circunstancias.

Sentindo uma sensação de queimadura entre o indicador e o médio da mão direita, Teófilo reentrou na realidade. Só então, percebeu que estivera a fumar. Do que restava do cigarro subia para o ar uma fumaça cinzenta, cinzenta como o céu, cinzenta como a vida. Quem lhe dera aquele cigarro? Ah, fóra o Mendes, que, minutos antes, passara por ali, para dizer que o Gomes, o corretor acabava de ser assassinado, no café Ideal.

Dona Lucía chamou, de dentro: Teófilo, venha, que o lanche está na mesa. Venha, antes que o café esfrie.

Junho de 1943.

S E T E

Sinto um estremezimento quando proferem o meu nome. Levanto-me, um tanto encabulado, as mãos começando a tremer, um calor no rosto. Essa sensação eu a experimento sempre que tenho de enfrentar muita gente, atravessar um salão, ou colocar-me em lugar de evidência. Dirijo-me para o recinto onde já se acham dois dos jurados. Tento abrir a portinhola, empurrando-a em vez de puxá-la. A portinhola não cede, alguém começa a rir. Atrapalho-me ainda mais, meu atarantamento e vergonha crescem. Acontecer isso a mim, logo a mim — é o cúmulo! O juiz espera que eu tome o meu lugar, todos esperam. Parece que todo o mundo não tira os olhos da minha figura. Sinto-me enervado vendo, isto é, sentindo tantos pares de olhos cravados em mim. Sento-me. Sorteiam mais quatro nomes, e está completo o corpo que vai funcionar. Dão início ao interrogatório do réu.

Lanço um olhar pela assistência, divisando caras conhecidas. Não sei o que fazer das mãos, passo-as pelo rosto, escarafuncho numa espinha, cruço-as sobre a mesa, examino as unhas. Afinal, atoco-as nos bolsos. Bem, este problema está resolvido. O réu conta a sua história, aos tropeços, com dificuldade, usando palavras deficientes, recorrendo aos gestos. Graças! a atenção geral voltou-se da minha pessoa para a dele. O pobre coitado desfia a sua lenga-lenga, numa atrapalhação sem fim, repetindo frases inteiras, contradizendo-se.

O promotor principia a sua acusação, lendo os autos e trechos dos depoimentos. Grande coisa é a imaginação! E reminiscências de leituras! Eu posso evocar, muito melhor do que ele, o fato e seus detalhes. Vejo o cenário: a estrada erma, a vendinha do Anastácio, uma égua amarrada na frente, homens bebendo cachaça. De Ranulfo não preciso fazer o retrato mental, pois ele está sentado perto de mim, encolhido no banquinho. Arranjo uma imagem para Macário, dando-lhe umas barbas brancas, o rosto de um velho de setenta anos. Ranulfo e Macário discutem por causa de ninharias. Anastácio procura acalmá-los. Briguinha reles, sem motivo sério. Afinal, os dois, já apaziguados, saem da bodega. Ranulfo dá o seu próprio animal para Macário: "Tá, véio. Monte. Tu é mais véio do que eu". Seguem, Ranulfo acertando o passo pelo tranco da égua, puxando-a pelo cabresto, Sítio desolado, sem vista, sem viva alma pelas cercanias. Ranulfo diz para Macário: "Apeie, véio!" Macário se espanta: "Ué!?" Repete-se a ordem: "Apeie, véio. Vou te matar". O velho toma aquelas palavras como brincadeira: "Ora, Ranulfo. Deixe disso. Deixe disso". Mas o caso é sério: "Que nada! Vamos, trate de apelar". Macário atemoriza-se, treme de medo, pede, suplica. Ranulfo não se comove, está frio, cruel, os olhos fuzilando de fúria assassina. E então, Ranulfo, ele mesmo derruba o velho de cima do animal, arrasta-o pelo chão, e crava-lhe a faca, uma, duas, muitas vezes. Vejo a lâmina subindo no ar, relampejando aos raios do sol, enterrando-se na carne, o sangue escorrendo. Vinte e duas facadas. Vinte e duas, vinte e duas.

Como foi que descobriram o crime e o seu autor? Não prestei atenção quando explicaram isso. Essa trama se presta muito bem para uma história policial. Vou pegar esse argumento, retocá-lo, acrescentar-lhe alguns enxertos, e aproveitá-lo para um conto. Olho Ranulfo, pensando: "Vais ser um personagem meu. Vê lá, hein! É muita honra." O criminoso, sentindo o meu olhar, levantava a cabeça, fita-me, torna a baixá-la. Agora é ele que me procura com os olhos, e eu tento fugir-lhe, olhando para cima, para o teto. Ficamos tempo nêsse namôro. Jôgo sem graça.

O promotor perora:

— Não, senhores jurados, nenhuma dúvida pode atormentá-los neste caso. O assassino que aí está é cruel, é sanguinário. Cometeu o seu nefando crime com premeditação, consciente do que ia fazer. Nenhuma piedade se apossou dele ao praticar sua ação homicida, ao tirar a vida ao pobre e indefeso velho. Esse monstro...

Estou cansado. Meus pés doem, e eu tenho a sensação de que estou sem pele, a roupa machucando a carne. Mudo de posição, cruço as pernas, olho para a verruga que o jurado da minha frente tem no nariz. Por que tôda essa eneeação, esse aparato, essas formalidades? Coisa maçante, aborrecida. O mais certo seria decidir is-

so pela sorte: cara ou coroa? Era mais fácil, muito mais fácil. Ou então, poder-se-ia fazer o seguinte: arranjar uma porção de parcelas e somá-las; se desse par — soltar-se-ia o homem, se desse ímpar — condenação. Ora, influências da literatura. Acho que já li isso em Tolstol.

— E trinta anos ainda é pouco, meus senhores — continua o promotor. — Eu queria que estivessemos em outro país, onde existisse a pena capital...

Trinta anos, no Brasil; cadeira elétrica, nos Estados Unidos; na França, guilhotina; força, na Inglaterra; na Alemanha... Qual é mesmo o modo de execução na Alemanha? Métodos punitivos: roda, tronco, chicote, beliscões, cocres, taponas, escrever mil, dez mil vezes — não devo matar, não devo matar, não devo matar.

Tenho vontade de fumar um cigarro. Quanto tempo demorará ainda isso tudo? Trinta anos, trinta anos, pede o acusador para o criminoso. Trinta vezes doze são trezentos e sessenta. Trezentos e sessenta meses! Tento multiplicar trezentos e sessenta por trezentos e sessenta. Não consigo; olho as horas. Puxa! há quase duas horas que estamos aqui, e nada ainda foi resolvido. Como é: cadeia ou liberdade? Que vontade de fumar!

Ranulfo está impassível, nem parece que é do seu destino que estão tratando. Impassibilidade ou timidez? Fosse eu e estaria aos berros, as mãos tremendo, soluçando, gritando, proclamando a minha inocência. Inocência coisa nenhuma! Ele não pode protestar inocência; ele mesmo confessou a autoria do crime, ainda agorinha, na minha presença. Onde já vi aquela máscara de índio? Personagem de Bruno Traven? Paul Muni fantasiado de Juarez? Pedro Armendariz? Mas, como seriam mesmo as coisas, se os papéis fossem invertidos? Tenho de trocar de lugar com Ranulfo, imaginariamente, para poder julgá-lo com equidade e justiça. Sim, tenho de colocar-me no seu lugar, ver como faria, se fosse ele... Mas, qual, desta vez a imaginação não me ajuda, não nos é possível trocar de identidades. Também, pudera! meter-me na pele de um celerado daqueles — eu, logo eu! E não há jeito de identificá-lo com um personagem de romance. Também, por que foram escolher logo a mim para julgá-lo? Por que não escolheram alguém que pudesse julgar à fria luz da razão, um comerciante, um médico, um militar, gente que sabe ligar "a" mais "b"? Mas não; escolheram quem não sabe fazer nada sem recorrer a símbolos e situações de romances, quem anda sempre com a cabeça no mundo da lua, quem tem as idéias, os sentimentos, a alma, tudo encharcado de literatura.

Mas, se eu fui escolhido é porque sou um rapaz direito; já ouvi dizerem isso de mim, diversas vezes. "Basta ser um rapaz direito para ter crédito na..." Anúncio besta. Direito, juiz de direito, a torto e a direito, direitos autorais, direito administrativo...

— A condenação desse homem é necessária para o bem-estar da sociedade! — continua o acusador.

Sociedade. Quem é a sociedade? Que é ela? Sociedade Recreativa Sete de Maio, Sociedade Literária Luiz Delfino, Sociedade Anônima... Quem é mais nocivo à sociedade: Ranulfo ou eu? Ao menos, ele não é um hipócrita, praticou o seu crime, deu vazão aos seus desejos e instintos, acertando o passo pelas regras e preceitos... Mas sempre revoltado, com vontade de deixar cair a máscara, de fazer uma loucura. Vontade, apenas, nada mais. Não faço nada, deixo-me viver, agindo como mandam os bons princípios da moral e da decência. Palavras, palavras... "Palavras! Palavras!" Quem foi que já disse isso? Parece-me que em inglês — "Words! Words!" Ah, não sei, não importa. Trinta anos, trinta anos.

O advogado de defesa, um estreante, toma a palavra. Vê-se logo que ele não foi talhado para tal mister, que errou de vocação. Suas palavras não convencem, não as anima nenhuma centelha de vida e de entusiasmo, são vocábulos moles, frouxos, vazios. O acusador público não lhe dá tréguas, atucanando-o com apartes mordazes e ditos irônicos. O advogado perde a linha, enrubece, gagueja. Todos riem, até mesmo Ranulfo. Ensaio um sorriso, mas só consigo caretear. Isto é, devo ter feito uma careta, não tenho aqui um espelho para saber a verdade. E também, se tivesse espelho, ia mas é espremer esta

a Z E R O

Conto de Guido Wilmar Sassi

espinha aqui, bem no queixo. Ela deve estar amarelinha, no ponto...

Que demora, que caceteação! O promotor está certo. Ranulfo é mesmo um sujeito nocivo à sociedade. Onde já se viu tamanho descaramento? Mata um seu semelhante; dá um trabalho medonho aos juizes, aos advogados, à polícia; acarreta despesas para o Estado; e, ainda por cima, está roubando o meu tempo, o meu tempo. Muitos dos assistentes já se retiraram. Que bom se eu pudesse fazer o mesmo.

— Estão terminados os debates — diz o juiz. — Vamos evacuar a sala, de acôrdo com o... — e ele enumera uma porção de artigos, parágrafos e códigos — ... e os jurados reunir-se-ão na sala secreta, para a decisão.

Todos se retiram. Será que voltarão para ver o resultado desta fita em série? Ranulfo será ou não condenado? Voltem para ver a continuação... Arre, quanta besteira! Por que será que eu só tenho pensamentos tolos? Até mesmo agora, neste momento supremo, somente idéias absurdas me vêm á cabeça. Credo!



ILUSTRAÇÃO de Nereu Góss

Levantámo-nos, estirando braços e pernas. Dão-nos licença de fumar, enquanto o juiz e o escrivão preparam os papéis para a votação, enumerando quesitos, preenchendo fórmulas. Noto, pelos resmungos dos meus companheiros, que Ranulfo não terá salvação, que será conado pela maioria. Irá mofar numa penitenciária durante trinta anos, trinta anos. O juiz nos explica como devemos agir para condenar ou absolver, e dá-nos duas pla-

quinhas de madeira, onde estão gravadas as palavras SIM e NAO, so aquelas duas palavrinhas, mais nada; uma absolve, a outra condena. Que simplicidade, que coisa prática! E? Mas eu não penso assim, não penso, não penso. Será que a Ranulfo não assistia o direito de matar? Não seria ele um ser extraordinário, para quem o assassinato não consistisse um crime? Onde já vi uma teoria semelhante? Em Nietzsche, Dostoiévski, ou no filme da semana passada? Extraordinário? — um tabareu daqueles? E depois, quem o navia jugado um ente superior, para quem o ato de matar fosse licito? Outra duvida: quem nos autorizou a julgá-lo, a decidir o seu destino? quem nos deu esse direito? quem nos arvorou em juizes? SIM e NAO. Tão facil, tão facil...

Oino para os outros jurados, tentando perceber as emoções que os agitam. Que nada! Estão frios, calmos, parece que não sentem nada, que não sorrem. Eu sou o unico que se debate em duvidas e atíções, somente eu sorro, ninguém mais, mas também, — que diabo! — não sou eu quem vai ser jugado, não há razao para tanta angustia e nervosismo. SIM e NAO — embaralho as cedulas nos dedos tremulos. Sim ou não? Sim ou não? Não posso pensar com clareza, não posso definir-me. Mas, se me escolheram, foi porque eu sou um tipo de idéias esclarecidas. Já ouvi fazerem isso de mim, diversas vezes, já me classificaram como um camarada que sabe distinguir a mão direita da esquerda. Eu sou... Que idéias esclarecidas, que nada!

Decido-me a soitar o homem, pois não quero ficar com remorsos na consciencia. Bem sei que o meu voto não adiantara nada, seis outros votaram contra. Mas estou decidido, sem duvida alguma. Porém, outra pergunta aparece para julgar comigo: como é que poderei levantar a cabeça e encarar os meus companheiros de mesa? Eles sauerão que fui eu o unico que absolveu, eu tenho isso escrito na cara. Todos saberão, todos saberão. A urna se aproxima de mim. Estou firme, nada conseguirá mudar minha opinião, colocarei a cedula NÃO, a que absolve. E não vou votar em sigilo, a gente deve agir as claras, com desassombro, sem se importar com o que os outros possam dizer ou pensar. Revoivo o pedacinho de madeira entre os dedos, para que todos possam ver que é um NAO. Não quero esconder nada, não quero.

A urna está na minha frente, é o instante decisivo. Agora... agora... Todos me apontarão com o dedo: "Óhnm, aquêle ali absolveu, aquêle aquêle". Que vergonha! Que vergonha! Estendo a mão, tateando o bucaquinho da urna. Parece que não é a minha mão que está ali, estendida, está tão diferente, diferente... Retiro a mão, troco rapidamente as plaquinhas, voto contra. O pedaço de madeira cai dentro da urna. Idéias esclarecidas... es-cla-re-ci-das. Mas é, hein! Maria vai com as outras, isso sim, Maria vai com as outras.

Abrem a urna, apurando o resultado. Nem precisavam fazê-lo, pois não poderia haver dúvida alguma — sete votos condenando.

— Sete a zero, estava visto — comenta um dos jurados, muito satisfeito.

Que bom que tudo acabou! Mas, qual, não acabou ainda. O juiz lê a sentença, a ocasião é solene, um murmúrio de aprovação parte da assistência. Trinta anos na Penitenciária do Estado, trinta anos. A sessão termina todos saem, em alvôrcço. Saio também, cabisbaixo, a alma em pandarecos, aborrecido, nervoso. Trinta anos! Trinta anos!

Ranulfo desce as escadas, ladeado por dois polícias. Eu também estou rodeado por muitos mílicos; ninguém os vê, mas eles estão aqui, bem perto, ao meu redor, empurrando-me — para onde? para onde? Após trinta anos, as portas da cadeia abrem-se-ão para Ranulfo. Todas as portas estão abertas para todo mundo. E, no entanto, eu sinto que elas se facham à minha frente, impedindo-me a passagem. Não posso sair, não posso, não posso! Todas as portas estão fechadas, fechadas...

VANGUARDA

M. SANTOS

Muitas vezes temos ouvido falar em vanguarda cinematográfica, filmes de vanguarda, etc. — mas que papel teria desempenhado a Vanguarda no Cinema? O mesmo que, de um modo geral, cumprira nas demais artes, estudando, modificando ou derrubando conceitos?

Maior, muito maior foi o serviço prestado pela vanguarda à cinematografia. Seu aparecimento não marcou um período de revolta ou de lutas contra velhas concepções, como é costume acontecer em todo o movimento dito vanguardista, simplesmente porque o cinema, em estado de menoridade então, ainda não as havia encontrado, ou, em poucas palavras, o cinema ainda não era uma arte.

Assim, em cinema, a vanguarda tem uma significação toda especial, pois, ela própria conduziu o cinema ao lado das demais artes existentes como arte autônoma e perfeitamente definida. E para tornar o cinema arte autônoma tiveram não só que lhe libertá-lo as artes que o dominavam mas, também, criar essa própria autonomia, descobrir as leis do cinema. E muito significativo é que todos os movimentos nesse sentido, partindo às vezes de princípios completamente opostos, chegavam, no final às mesmas conclusões, considerando o cinema como "arte pura de imagens".

Germaine Dulac é uma figura impressionante na história do vanguardismo cinematográfico. Foi seduzida pela analogia entre cinema e música e muito escreveu sobre tal assunto, mas não ficou somente no campo teórico. Seus filmes não comerciais eram quase todos ensaios, onde, além de estudar a mencionada analogia entre imagens e sons, tentava dar corpo aos seus brilhantes conceitos de Cinegrafia Integral, Cinegrafia de Formas e Cinegrafia de Luz e Sombra. Justamente esses estudos práticos a levaram à conclusão de que o Cinema se aproxima tecnicamente da música, a imagem tendo o valor de um som (1).

O papel do ator viu diminuir sua importância (2) (e já aqui se nota como se diferencia o cinema do teatro), tornando-se o cineasta um verdadeiro compositor a justapor imagens, jogando com o seu ritmo e sonoridade. Da união lógica entre as diferentes imagens temos a expressão; da capacidade do cineasta em trabalhá-las surge o valor emotivo. Portanto, para que legendas intercaladas entre as imagens, quebrando o ritmo de uma sinfonia, a repetir algo que a imagem já disse? Tal pergunta receberia resposta logo após através de alguns filmes completamente livres de legendas.

O ritmo, eis a maior preocupação dos estetas franceses, encabeçados por Louis Delluc e sua grande colaboradora Germaine Dulac, embora se descurassem do aspecto plástico de suas obras.

Ritmo que leva Ruttman a compôr a SINFONIA DE UMA CAPITAL, onde se conta a vida diária de Berlim, desde o seu despertar ao adormecer. Ritmo que deu ao Cinema Brasileiro duas jóias: LIMITE, lento e saturado de melancólica poesia e o vibrante SÃO PAULO, SINFONIA DA METRÓPOLE, baseado no filme de Ruttman, inspirador, aliás, de vários outros filmes semelhantes.

Mas, se foram grandes as conquistas da vanguarda relativas ao ritmo, a ele não se limitaram seus estudos. Foi grande também a pesquisa no setor plástico. Desde o surto do movimento vanguardista viu-se o cinema cam-

po de experiências cubistas, surrealistas, etc. E a audácia de Lang, no decorativismo de METRÓPOLIS, de L'Herbier e do nosso Cavalcanti, no cubismo de L'INHUMAINE, por exemplo, prepararam o espírito do público para receber, com agrado, obras de cineastas mais retraídos, porém que, no passado, seriam consideradas vanguardistas.

Vejamus uma película de vanguarda, CALIGARI. Esse filme de Wiene foi base para toda uma escola — a Caligarista, na qual encontramos notáveis obras — e nele foi Carl Dreyer buscar lições para sua JOANA D'ARC é um filme valiosíssimo, quer como obra-prima em si, quer como ponto de apoio que foi para muitos cineastas, autores de outras tantas jóias cinematográficas. Do cubismo, dos ângulos e do emprêgo de luz e sombra em CALIGARI, chegamos, com paradas em JOANA D'ARC e CIDADÃO KANE, a um O ESTRANHO ou um ÓDIO QUE MATA sem que o público se sinta chocado com o que aparece na tela.

Paralelamente ao dissertar dos teóricos iam os artistas, na prática dos estudos, realizando, pesquisar e criar. Aqueles, através dos seus escritos, tentavam descobrir brilhar todas as possibilidades do cinema como meio de expressão, enquanto estes, na prática, iam se exprimindo através do cinema em linguagem sempre variada. Griffith é um exemplo que deve ser sempre citado porque muitos dos trabalhos assinados em França não passam de codificação do que ele realizava nos estúdios norte-americanos, desde 1908, antes, portanto, de se ter conhecimento de qualquer tentativa vanguardista.

A grandiosa dádiva da vanguarda ao cinema foi o conteúdo humano de que ele tanto necessitava. Na América, Griffith, a princípio, não o soubera dar e só Chaplin iria fazê-lo. Mas a presença da vida e dos sentimentos do homem, da alma humana, enfim, se faz sentir em numerosas obras "d'avant-garde". A câmara sondou os labirintos mais profundos da alma e trouxe para a tela suas paixões, seus vícios e virtudes. E mais, deu vida a seres inanimados, como em LA ROUE, de Abel Gance, e nivelou pessoas com coisas; um homem, num filme, tendo o mesmo valor que uma pedra ou árvore, ou seja, despersonalizado, valendo apenas pelo seu aspecto plástico.

De tal forma se enriqueceu o cinema e adquirira tanta sonoridade em suas imagens silenciosas que com razão se temia o advento do cinema falado que, verdadeiramente, pôs fim a uma idade de ouro do cinema trazendo, porém, muitas compensações.

(1) "Le Cinéma, malgré notre ignorance, en se dégageant des erreurs premières et en transformant ses esthétiques se rapprochait techniquement de la musique, amenant à cette constatation que d'un mouvement visuel rythmé pouvait jaillir une émotion analogue à celle suscitée par les sons".

(2) "Les personnages n'étaient plus les seuls facteurs importants, mais la longueur des images, leur opposition, leur accord tenaient un rôle primordial à côté d'eux" comenta Germaine Dulac a respeito de LA ROUE, de Gance, onde homens e máquinas se mesclam, tendo esta vida e papel quase de intérpretes. Sobre CALIGARI diria ela que "chaque image semblait bien être un accord jeté au cours du mouvement d'une symphonie fantastique et burlesque".

Gladys Bormioli

(Para "SUL")

Es una tarde de primavera, una tarde de mayo de 1949, en el centro febril de la Tierra.

Junto a la proa de Times Square se encrespan las oleadas humanas que suben del subterráneo, que salen de los cines de la calle 42 o que vienen de la Séptima Avenida.

En la ancha esquina constelada de avisos luminosos, constelada de ambiciones humanas, en la ancha esquina a donde llegan estridencias musicales, qué humilde eres, sombra mía!

Tu anhelo tenaz de fraternidad humana, la eterna inquietud de tu espíritu, cómo se repliegan en tu soledad! Tu voz sonaría extraña en esta feria de vanidades.

Eres, entre la brillante multitud, solamente la imaginaria de un poeta errante: Una llovizna suave ha transformado en espejos las calzadas de asfalto. Tarde de primavera, llena de evocaciones y de perezosos ensueños!

Por aquí pasó muchas veces, llegando de Greenwich Village, la sonrisa amarga y desafiante de Edgar Allan Poe, siempre luchando contra la terca realidad cotidiana, que fué implacable para sus sueños.

Por aquí pasó fugazmente, angélicamente, Emily Dickinson, tímida, escondida, pero orgullosa de saber que agonizaba de belleza.

Por aquí pasó Walt Whitman, clavando sus buenos ojos en el ancho horizonte donde él podía avizorar el mañana tumultuoso de su querida Manhattan.

Por aquí pasó Sara Teadale, la que pedía silencio para toda su vida, ese silencio que sólo el suicidio pudo darle.

Pero la esquina de Broadway y 42 ha olvidado todas esas presencias. Escucha la música salvaje y civilizada que sale de las altas ventanas. Esa música que trae evocaciones de las plantaciones del Sur.

En los cristales de los escaparates, los últimos rayos solares dibujan los más absurdos espejismos.

Junto a la puerta del subterráneo, una vendedora ofrece ramos de orquídeas y gardenias. Algunas están todavía húmedas de rocío. El aire se ennoblece en esa gracia violácea y blanca.

Mira! Cruza un pájaro alegre por el espacio. Viven pájaros en la avenida humosa, en la larga avenida constelada de avisos luminosos, entre la multitud que busca un nuevo dolor para olvidar su viejo dolor.

Y mira todavía, sombra mía! El asfalto se ha transformado en un gran río de azabache. Y de él va surgiendo, como una sirena suntuosa, la Noche, que te turba con sus perfumes vagos, con su hondura insondable, haciéndote olvidar tus pensamientos agriados. Ella ama los diálogos contigo, te enseña el digno orgullo de las cosas bellas y duraderas, de las cosas humildes y profundas.

Los vinos de la noche te dan, poeta, esa deliciosa embriaguez que te devuelve la confianza en ti mismo.

Gastón FIGUEIRA

Montevideo.

Vientre que sueña con simientes
que no germinan.
Células que esperan
lo que no llega
Ojos de sombra, llenos de presentimientos claros,
nada avizoran.
Risa de boca
tan solo.
Brazos cálidos,
rodeando gélidos imposibles.
Teléfono que cuchillea el silencio
y es vana promesa
que se extingue.
Pasos de hombres, espíritus y bestias
que pasan
y siguen,
sin pausa que entibiezca
mi vacío.
Barcos, pájaros, ideas, trenes,
olas, aviones,
libros, hojas secas,
estaciones,
nubes, máquinas
y polvo.
Parten.
Yo permanezco...

Uruguay — 20-9-50.

LEJANO

Dedicado a W. Cardoso da Silva

Yo tengo el dolor de los caminos.
Mis ojos en sombra queman los horizontes.
Como rayo envainado en el Tiempo,
mi angustia va despertando piedras.
Tantas murallas levantadas ante mi
Esperanza,
callan la lejana voz que está en el viento.
En los puertos alcé la ilusión
Y en los puertos se me quedó el único adiós.
Saladas las espumas, se desatan y siempre
parten.

Cada pájaro sobre el mar será tu raíz,
tu voz alargándose en una senda abierta,
entre vientos y nubes hacia mi tierra,
hacia mi noche, hacia mi muerte.
! Partir! Ya no palpita el vientre del navío...
Cerrada fué la ruta del mar...
y también se cierran los párpados cansados...

El sol no ilumina, ni enseña otro sendero
que él de espinas y flores vejadas.
Es amarga esta tierra, mi tierra,
porque anda en ella, con pasos suaves
mi soledad.

Mi llanto ya ha quebrado al silencio,
porque fué triste porfía el querer oír
tu voz.
En la noche profunda no hay ni nido para
mi ensueño.
Quise tener tu cabeza entre mis manos...
pero sombrío el insomnio abrió sus palmas...
y la voz lejana del mar Inunca! bramó
sin piedad.

MATILDE D'ESPAUX

21 de setiembre de 1950

(Uruguay)

Algumas Notas Sobre

Com a exibição do filme "NOSSA CIDADE", reiniciou suas atividades o Clube de Cinema de Florianópolis, que conta agora com a colaboração e o apoio do Clube de Cinema de Porto Alegre. Além dessa obra de Sam Wood, que deu margem a interessantes debates, foram exibidos outros filmes desde então, sendo de destacar o festival de Cinema de Vanguarda, realizado no dia 4 de setembro, que constou de três filmes experimentais de MAYA DEREN, "Ritual in Transfigured Time" (Ritual em Tempo Transfigurado), "A Study in Coreography for Camera" (Estudos de Coreografia para Camera), "Art Land" (Em Terra) e de "Entr'acte" (Entreato) de RENÉ CLAIR. Estes filmes são de propriedade da Filмотeca do Museu de Arte Moderna de São Paulo, que os emprestou ao Clube de Cinema de Porto Alegre, o qual, graças a visão de P. F. Gastal, seu presidente, cedeu-nos os mesmos, proporcionando-nos assim, rara oportunidade de assistir a obra prima de Clair, juntamente com estes três representativos filmes experimentais Norte Americanos.

Realizado em 1923 sobre uma idéia e cenários do pintor Francis Picabia, e com música para acompanhamento de Erick Satie, é, "Entreato", um dos filmes mais importantes do "avant-garde", tendo sido uma experiência extraordinária, possuindo um grande valor como cinema, ainda que não consideremos a época em que foi realizado. O filme, que é uma verdadeira relíquia atualmente, pois poucas são as cópias dele existentes, foi feito para ser exibido no intervalo de um ballet no qual o primeiro ato terminava com o personagem principal a sonhar. O sonho, eis o que nos conta Clair; e o faz com aquela sátira que lhe é tão peculiar e que ele tem conservado até a suas obras mais recentes. A princípio confuso, depois mais lógico (quando as várias partes do sonho se juntam), o filme atinge o cúmulo da irreverência e da sátira, da cena do entérro em diante, quando Clair começa, então, a zombar mais amiúde, não esquecendo, pode-se dizer, um detalhe sequer. Em tudo ele vê o ridículo, o cômico; de tudo ele zomba. O filme foi produzido pelos Ballets Suecos de Rolf Maré e fotografado por Man Ray, "que ainda hoje colabora nos filmes experimentais".

Quanto a Maya Deren, utiliza-se muito do ballet, o que, a nosso ver, prejudica um pouco o ritmo cinematográfico de suas obras. Dos três filmes dela exibidos, gostamos mais de "Em Terra". Nesse filme, por meio de símbolos muito bem feitos, ela nos mostra a eterna busca do indivíduo e a sua sempre saturação e eterna insatisfação. Achamos excelente a fotografia.

Antes da exibição destes filmes, M. Santos, do Clube de Cinema de Porto Alegre, fez uma palestra a respeito dos mesmos e sobre o cinema de Vanguarda, explicando alguns detalhes, elucidando dúvidas, e situando devidamente a obra de Clair e de Maya Deren na história do cinema.

Este 1º Festival Cinematográfico foi uma verdadeira vitória, e diz-nos de quanto pode uma colaboração conjugada, assunto que já foi abordado no 1º Congresso Brasileiro de Clubes de Cinema que, reunido em São Paulo nos dias 27, 28, 29 e 30 de julho, tomou várias decisões, entre as quais destacamos a fundação da Federação Brasileira de Clubes de Cinema do Brasil, idéia de Armando Ribeiro Pinto do C. C. de Coritiba, que apresentada pelos senhores P. F. Gastal e M. Santos, delegados do C. C. de Porto Alegre ao Congresso, logrou ser aprovada, quase por unanimidade; seus estatutos serão discutidos e aprovados numa reunião que será realizada no próximo mês de novembro na Capital Paulista.

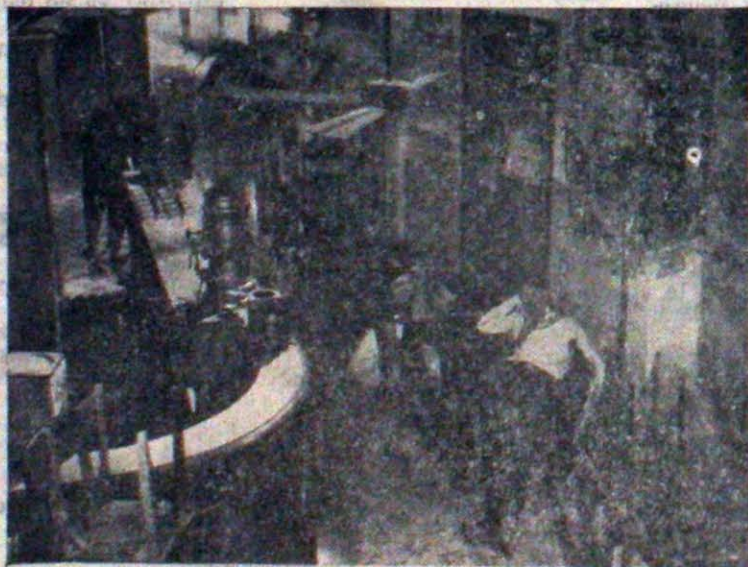
A Federação de Clubes de Cinema do Brasil virá em muito auxiliar os Clubes de Cinema das cidades do interior e de Capitais que, como nós aqui em Florianópolis, não dispõem de distribuidores ou agências com quem se possa tratar diretamente. A Federação é uma iniciativa que deve se tornar uma realidade concreta. Outro trabalho que merece destaque, é o requerimento apresentado pelo congressista Francisco de Almeida Salles do C. C. de São Paulo e que trata da organização de uma Filмотeca Brasileira.

Agora, que no Brasil já se está realizando realmente alguma coisa no que diz respeito ao cinema, nós, que já contamos com diversos Clubes de Cinema e Centro de Estudos espalhados por todo o país; que dispomos de uma organização como a Foto-Cine-Clube Bandeirante, que patrocina excelentes exposições fotográficas dos aficionados; devemos, mais vezes, reunir todos os interessados afim de que mais e mais se possa realizar alguma coisa e, assim, não fiquem no cinema, apenas os aventureiros.

O Brasil já realizou alguma coisa no setor cinema. Há tempos passados já produziu bons filmes. "Existem alguns do período silencioso que merecem o mais cuidadoso estudo. Podemos citar todo o famoso "Ciclo de Catagrazes" de Humberto Mauro e seus companheiros; LIMITE, um filme de Mário Peixoto que teve uma cópia adquirida pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque; A ESPOSA DO SOLTEIRO. O DEVER DE AMAR. O CAÇADOR DE DIAMANTES, de Capelleri; IRACEMA, de Marques Filho; SINFONIA DE SÃO PAULO, de Adalberto Kemeny e Rodolpho Lustig; BARRO HUMANO, de Ademar Gonzaga; LÁBIOS SEM BEIJO e CANOA BRUTA de Humberto Mauro; AS ARMAS e MULHER, de Otávio Gabus Mendes e outros" (M. Santos). Depois de todos estes exemplos, e não esqueçamos UMA AVENTURA AOS 40 de Silveira Sampaio, não seria concebível que ficassemos parados ou regredíssemos. Era o que estava acontecendo. Mas, felizmente esta fase já foi ultrapassada, já temos verdadeiros realizadores e críticos conceio-

CENA DE "CAIÇARA"

Produção de Cavalcanti para a
Cla. Cinematográfica "Vera Cruz"



o Cinema no Brasil

ARCHIBALDO CABRAL NEVES



Fotografia batida por ocasião do 1º Congresso Brasileiro de Clubes de Cinema, vendo-se os representantes dos diversos C. C. do país.

scos a trabalhar pelo nosso cinema e educando o nosso público.

No Rio Grande do Sul, a "HORIZONTE Produções Cinematográficas Ltda." prepara "VENTO NORTE" que tem no seu corpo técnico alguns valores do cinema europeu. Este primeiro filme da nova companhia está sendo produzido, dirigido e fotografado por Salomão Seliar um dos bons fotógrafos do país, sendo baseado numa idéia original de Seliar e Eduardo Tanon e história cinematográfica de Josué Guimarães. O filme está sendo rodado em Torres, uma das mais bonitas praias do Rio Grande do Sul e dele participarão, além de atores profissionais, inúmeros pescadores, mulheres e crianças. A direção técnica do filme estará a cargo de Victor Junod (Russo) tendo como Assistente Geral Eduardo Tanon (Francês) e Música de Luis Cosme. Por todo o país fundam-se Cine Clubes; Porto Alegre, Pelotas (que fundou, faz pouco, o seu Centro de Estudos Cinematográficos e que já dispõe de sala e projetores próprios), Rio Grande, Florianópolis, Laguna (que teve o seu Clube fundado em 29 de Julho deste ano e filiou-se ao C. C. de Florianópolis), Lajes (que lançará em breve uma Revista, "RUMOS", cujos diretores pretendem também fundar um Clube de Cinema), São Paulo, Rio de Janeiro, Atibaia, Belo Horizonte, Recife, Vitória, Maceló, Fortaleza e inúmeras outras cidades do interior, bem como diversas Faculdades Superiores do país, já possuem o seu CLUBE DE CINEMA aonde são debatidas e estudadas as particularidades da sétima arte.

Já circula no Brasil uma revista como "FILME", dedicada exclusivamente ao Cinema-Arte; nos melhores jornais do país temos secções de Cinema que encaram o assunto seriamente, o melhor exemplo é o "Correio da Manhã" que tem na sua coluna de Cinema um dos maiores críticos do país, Moniz Vianna. Como se vê, o Cinema não parou e há, felizmente, quem o encare como algo mais do que um passatempo.

As pessoas interessadas pelo cinema devem colaborar e dar seu apoio, por menor que ele seja, sempre ajudará as iniciativas sérias realizadas no Brasil neste particular. A colaboração que poderá ser prestada pelo funcionamento da Federação Brasileira de Clubes de Cinema do Brasil tem que ser uma realidade, e o será se todos colaborarem.

Se no Brasil procura-se desenvolver o interesse e o estudo pelo cinema, procura-se também realizar alguma coisa séria. Além da HORIZONTE, é São Paulo quem nos dá a primeira esperança real de Cinema no Brasil. Não será cinema apenas para meia dúzia de entendidos; será cinema comercial, mas feito com seriedade e estudo. Não serão portanto filmes carnavalescos sem o menor

gosto artístico, amontoado de músicas ou, o que é pior, filmagem de novelas radiofônicas que chegam as raíais da cretinice.

Referimo-nos a uma esperança, ela vem com a fundação da CIA. CINEMATOGRAFIA VERA CRUZ, que tem como Produtor Geral o cineasta patricio Alberto Cavalcanti, nome bastante conhecido de diretor que já nos deu documentários de real valor como "COALFACE", exibido para os Congressistas de Clubes de Cinema, e filmes como "Ibecame a criminal", (Nas Garras da Fatalidade) e a melhor sequência de "Dead into night" (Na Solidão da Noite), isto para falar apenas dos seus filmes mais conhecidos e citados, dos realizados na Inglaterra.

Cavalcanti reuniu em torno de si grandes valores do Cinema Europeu e Americano; editores, montadores, fotógrafos, técnicos etc, contando ainda com a colaboração de muitos brasileiros, dentre os quais alguns dos nossos melhores escritores e diversos atores.

Dos filmes em andamento, ou quase concluídos, da Cia. Cinematográfica VERA CRUZ, destacamos: PAINEL filme de Lima Barreto sobre o mural Tiradentes de Portinari. PAINEL foi exibido para alguns dos delegados ao 1º Congresso Brasileiro de Clubes de Cinema e dele disse M. Santos que, "mesmo sem a faixa sonora e carecendo de alguns reparos, o filme impressiona profundamente". Se não nos enganamos, é a primeira tentativa realizada no Brasil de se fazer cinema tendo por tema a pintura. Caçara — Argumento e direção de Adolfo Celi — Roteiro de Gustavo Nonnenberg e Ruggero Jacobbi — Diálogos de Afonso Schmidt — Música de Francisco Mignone — Fotografia de Chick Fowle — Som de Erick Rasmussen — Montagem de Oswaldo Hafenrichter. Está em fase final de sincronização e será lançado ainda este mes. Seus principais intérpretes são: Eliane Lage, Carlos Vergueiro, Abílio Pereira de Almeida e Mario Sergio. Terra é Sempre Terra — Direção de Tom Payne — Argumento e roteiro de Abílio Pereira de Almeida — Diálogos de Guilherme de Almeida — Intérpretes principais: Marisa Prado, Abílio Pereira de Almeida, Mário Sergio e Ruth de Souza. Está sendo filmado no interior do município de Campinas. Será lançado ainda este ano. Feliz no Jogo — Direção de John Waterhouse — Argumento de Gustavo Nonnenberg — Roteiro de Nely Dutra — A filmagem será iniciada dentro de algumas semanas no Rio Grande do Sul (Pelotas). Intérpretes principais Eliane Lage, Inezita Barroso, Alberto Ruschel, Carlos Vergueiro e Mario Sergio. Canto do Mar — Direção de Martin Gonçalves; versão brasileira do famoso "En Rade" que Calvacanti dirigiu na França no tempo do cinema

(Continúa na pág. 27)

MANHÃ CINZENTA

Vocês conhecem a história da vendedora de flores. Já lhes descrevi por mais de uma vez sua pequena loja atulhada de ervilhas, gravatás, cravos e rosas vermelhas; seus grandes olhos; o jeito seu de falar brusco, mais sua expressão ao se por a dizer do filho, de sua aldeia encravada na Dalmácia e dos dias angustiados na Hospedaria da Ilha das Flores. Via naquele rosto tismado caminhos de lágrimas, como já descrevi. Calava-se depois. Ficava absorta.

Agora, não mais tornarei de lá falar. Para vocês, que lêem jornais, revistas, seria desagradável uma crônica com ares melodramáticos. Bastam as pequeninas tragédias domésticas, a hecatombe chinesa, as greves, a fome na Europa.

Não, falemos de coisas alegres. Em torno de nós há um mundo de insignificâncias que dariam para volume de espessura considerável. Mestre, por exemplo, conseguiu viajar dentro de quatro paredes: parando aqui, andando acolá. Fazemos algo parecido. Deixemos o noticiário trágico. Andemos à volta da paisagem. É só tentar.

Daqui, avisto telhados pontudos, também edifícios pálidos com suas pestanas abertas, semicerradas. A propósito: gostaria falar de Marli; dos seus cabelos curtos à Joana D'Arc; de como ficou bem com o batom rosa-dália. Todavia, este cinza da manhã, absorve o menor pensamento e atua, em meus sentidos, como o "madeleine" com chá na boca de Proust: acariciando fatos enterrados no inconsciente; impregnando-os daquela vida morta e submersa na poeira.

Claro que não possuo uma Combray. No meu passado não ficou modelada a face de Albertina, Odete, Swam ou tia Leôncia; sobre minha fronte, jamais a presença de um beijo depositou o seu calor mesclado à ternura de um lábio, que me viera derramar ao ouvido, de voz mansa, *bôa noite*; nem dentro dos olhos, ficou plantada a fotografia de uma face, de um lampeão amarelo, companheiro de insônia. Restam encontros literários, pictóricos: León Paul Fargue, Utrillo.

Mas, por que artistas de artes tão diferentes? Porque, nêles existe o mesmo sentido vagabundo: extraem das ruas um manancial poético, combinando-o dentro daquela simetria só apreciável nos mosaicos, que mãos anônimas deixaram nos templos ou misturados à argamassa das cidades roídas e solapadas no anonimato.

Se olho a praça com seu lago redondo, suas folhas derramadas no chão; com seus homens geralmente famintos de olhar parado; com suas velhas de passado desconhecido — creio que tôdas as frases de Fargue caem aos meus ouvidos e, em tela imaginária, desfilam recantos obscuros, letreiros luminosos: Vendôme, Luxemburgo... o Sena, "les bateaux noirs" e as vendedoras com seus livros tam sujos, tam sujos de tempo.

Se me debruço e paio com meus olhos na mulher que passa; na menina que nunca sai e fica ali com o rostinho espremido entre as grades, a olhar as outras cheia de curiosidade — ai de mim! — que não sei, que não posso descrever: e se fico cismando por que gosto desta rua e o motivo por que há uma curva impossibilitando-me ver seu final: a visão me restitui Utrillo com seus becos e travessas de traçado incerto, invariavelmente seculares.

Aqui lamento a pintura por não captar sons. É uma queixa.

A cortina que espia através da vidraca, gelada, tirando, ansiosa de sol; a árvore com seus braços erguidos

como deus tibetano; o vento que passa cortando espaços em direção misteriosa, cavalgado por vozes estranhas; não se percebe dentro dos ouvidos. Fica apenas na figura comprida no seu capote, comumente escuro, que vemos numa das calçadas. Não lhe distinguimos a face: apenas um vulto embaçado e açotado, como um mastro negro de navio antigo dizimado por alguma febre.

É como gostaria de sentir a neve, a chuva, o vento fustigando-me!

Repito que lamento Utrillo ou a pintura, por isto. Onde está o fundo sonoro das ruas! Não me refiro às buzinas das cidades, mas ao piano, ao violino que repete as mesmas notas, idênticos exercícios que nunca param. Vocês, por acaso, já repararam que não há rua sem um moço ou moça que aprenda um destes instrumentos?; sem meninos, velhos ou velhas que andem falando pelos cantos, como se não bastasse o pensamento em sua forma silenciosa, completando-o através da própria palavra, que se anula no espaço sem resposta? Bem, me perdoem, prometi falar de fatos alegres. O que consegui? Coisas melancólicas. Terei cuidado doutra feita, isto é, se me permitirem colaborar nestas folhas.

Até lá!

Nataniél Dantas

Rio

TRECHOS DE "O HOMEM QUE CANTA"

José Tito Silva

LII

Eu quero sorver
Teus lábios sedosos,
Eu quero beijar
Teus belos cabelos
No dia que passa
Sem ver o amanhã
Eu quero beber
Teu vinho vermelho
Do vaso poroso
Que oleiro ou artista
Não pode arranjar,
Pois sou teu cantor...

LVII

Sou poeta dos pobres,
Dos ricos, dos nobres,
Que vive nos becos,
Nas tascas escuras,
Nos belos palácios,
Nos templos reais...
Sou o homem que canta,
Com doce enlêvo
Que a vida é um mistério,
Que o mundo é uma bola,
Que o amor é um sonho,
Sem nada explicar.

«MENSAGEM» de Beatriz Bandeira

por Eglê Malheiros

Tornou-se moda, ultimamente, alguns homens de letras apregoarem que são politicamente puros e intocados. Quer dizer, tendo há tempos abandonado a torre de marfim, voltam-se agora para um sucedâneo, que chamam de "preocupações transcendentes", "pureza poética", etc... e que nós chamamos de comodismo, covardia ou até senilidade intelectual. Em que consiste essa "pureza"? Em sistematicamente se afastarem dos graves problemas que chicoteiam esta nossa humanidade, problemas que se iniciaram complexos e hoje se traduzem na trágica simplicidade da palavra "sobrevivência". Partindo desse afastamento eles, que não podem se manter num equilíbrio precário entre um mundo que morre e outro que nasce, tombam para o lado moribundo e vão ingenuamente participar das pompas de um funeral. E pior, acusam os que não os acompanham da não serem artistas e fazerem política.

O artista é humano, sensível, compreensivo e portanto não pode ser ausente. As lutas do povo, os dramas e angústias de uma época ecoam dentro dele exigindo extravasamento. Esse homem não tem direito de se negar somente para assegurar meia dúzia de comodidades.

A mensagem do poeta, vamos aqui falar de poesia, é feita à sua própria semelhança. O mesmo acontecimento provoca dez emoções diversas e dez poemas diferentes. Não podemos, portanto, estereotipar formas de expressão e sentimentos. Nem podemos exigir de todos poemas-comício contra a mortalidade infantil ou contra a guerra. Pois o poeta que participa é um "poeta", e tem por obrigação para com sua sensibilidade privilegiada, deixar uma obra que sendo emoção de hoje continue a ser arte amanhã. Pois é preciso que se diga, se um alinhavado de palavras rebuscadas e vazias, forma pela forma, não é poesia, mas pura casca, um alinhavado de "slogans" nunca deixa de ser um alinhavado de "slogans". Somente quando forma e conteúdo se harmonizam, num todo indestrutível, é que temos um poema. E esse punhado de arte às vezes consegue mais que um "slogan" altissonante. Essa verdade é intuitivamente percebida pelos tiranos, o que explica a sanha de Franco contra García Lorca, Alberti e outros.

Ao poeta cabe manter vivas essas suaves emoções humanas como amor, beleza, amizade, ternura, encantos do dia a dia, que fazem no fundo a essência da vida e da humanidade. Portanto sua luta não se realiza somente quando se rebela, mas também quando ajuda a manter o que é bom e deve ser conservado apesar das bombas e super-bombas.

Isto tudo nos ocorreu ao lermos o livro de Beatriz Bandeira, "Mensagem". É-nos difícil escrever sobre ele uma crítica segura, pois somos amigada autora, e não podemos separar inteiramente a pessoa nossa conhecida dos poemas que lemos. Se "o estilo é o homem", no livro está Beatriz. Sincera e apaixonada, meiga e impulsiva. Os poemas brotam de um jacto, meio selvagens, e depois ela não tem calma de os burilar e podar.

Em alguns, como nos cantares, principalmente "Cantares Ciganos", ela consegue uma musicalidade e uma graça espontânea que fazem que o poema fique cantando em nós muito tempo depois de lido:

"Quero correr nas estradas
quero cantar nos caminhos
quero sonhar pelos morros
quero amar sob as estrélas
Vou ser cigana outra vez.

Aliás, é nesse ritmo popular dos cantares, em frases musicais, que ela nos dá sua melhor poesia. Poemas vindos de uma pessoa consciente, de uma lutadora que conhece de perto as lutas do povo. Seus poemas não são "poemas de piedade", como muitos que querem passar por poemas sociais e cheiram a farisaísmo. Não, as lutas de que ela fala são suas lutas também, as vitórias cantadas ela também ajudou a conquistar.

Há ainda outra preocupação sempre presente: a do futuro, de seus filhos e dos filhos de todas as outras mulheres. Beatriz quer que as crianças do mundo encontrem vida de paz:

"Que venham as mulheres de ventres crescidos
e estendam suas mãos umas às outras,
E elevem suas vozes

.....
gritem aos homens que inventaram a guerra
gritem porque é preciso que seus filhos vivam:
Basta, Basta e Basta!"

e no poema "Meus Filhos estão crescendo...":

"Meus filhos estão crescendo
Mar de sangue está crescendo
noite escura, escurecendo
Meu Deus, que será de mim?"

Que será de mim? Pergunta que milhares de mães se estão fazendo no mundo inteiro e que palpita pungente em todo o poema.

Outras vezes o tom demasiado oratório do poema prejudica sua intensidade, e Beatriz Bandeira consegue muito menos do que naqueles em que seu lirismo age mais profundamente. Assim, a solução poética de "Canto aos maquis do mundo" é sensivelmente superior ao "Canto ao Senador do Povo". Tem-se a impressão de que no "Canto ao Senador do Povo", Beatriz abriu o coração, disse tudo o que podia dizer, e depois teve pena de fazer uma síntese que roubaria o poema em número de idéias claramente expressas, mas que acrescentaria ao mesmo uma força e vigor que assim ele não possui.

E no livro está Florianópolis, que Beatriz um dia visitou, inspirando um poema lindo como "Dircinha Maluca da antiga Destêrro".

Ao fim da leitura, com seus poemas bons e seus poemas mais fracos, sobra-nos uma forte sensação de humanidade, compreensão e amor. E ficamos sabendo que Beatriz Bandeira é, antes demais nada uma mulher que ama e sofre neste mundo conturbado, e dirige sua Mensagem, não "aos de alma seca e coração de areia", mas "aos que sabem esperar e sabem crer".

("Mensagem" — Beatriz Bandeira — Porto Alegre 1949)

DOIS ROMANCES

Pouco sabemos da nova geração literária de Portugal. Cremos que também eles por seu lado, pouco sabem de nós. Não há contacto, não há troca de publicações, não há livrarias que se preocupem em nos conseguir o que de novo se está editando além mar. Bem pode ser, queremos crer, que tal fato se dê mais aqui, onde estamos praticamente insulados. Isto, até nas capitais maiores do Brasil, o conhecimento dos novos escritores portugueses não é grande.

Periódicamente no entanto nos chegam, remetidos por amigos, ou pelos autores, alguns volumes, uma que outra revista, que nos dão mais ou menos a medida do que por lá se vai fazendo. Ainda agora acabamos de receber, enviados pelo autor, dois romances: "Trapo Azul" e "Calamento", ambos de autoria de Romeu Corrêa, um novo escritor que muito promete. Aliás promete não é bem o termo exato. Não gostamos da expressão "promete", "promessa" e equivalentes. Parece que é por delicadeza ou então um favor que estamos fazendo ao autor. E Romeu Corrêa, para penetrar no terreno das letras não precisa de favores nem de delicadezas. Ele tem entrada por direito, por justiça, pelo seu valor pessoal.

Seus livros, tanto o primeiro ("Trapo Azul", edição do autor, 1948), como o segundo ("Calamento" — da Editora Minerva, Lisboa — 1948) merecem ser lidos, trazem uma contribuição interessante para a nova literatura portuguesa.

Em ambos os livros o autor trata de temas regionais — um dos mais difíceis, pois hoje em dia já se toma, pelo menos no Brasil, o termo "regional" quase como pejorativo. Porém Romeu Corrêa se sai bem, possui uma linguagem sóbria, pura, sem desperdícios nem sentimentalismos, ou utilização da piada, tão comum em tal gênero de livros.

O autor é pessimista, sua visão do mundo não é nada alegre. Os tipos com que joga são propositalmente pessoas comuns, simples, com uma filosofia de vida toda própria.

A crítica portuguesa pelos seus nomes mais expressivos tem se manifestado sobre as obras deste novo autor. João Gaspar Simões, em estudo, afirma: ... e o certo é que não conheço romance português de intuídos "populistas" onde o povo na sua trivial realidade, seja evocado com mais verdade e maior força. "Na revista "Átomo", sobre "Calamento", assim inicia seu estudo o mesmo crítico: ... um jovem escritor cujo talento, rude e espontâneo, irá longe... "Um outro crítico, este da nova geração, Antônio Quadros, diz: ... Lembra, por vezes, um Graciliano Ramos"

Neste rápido registo, não poderíamos deixar de, juntamente com os nossos agradecimentos, mandar a Romeu Corrêa o nossos parabéns pela sua literatura tão sincera, tão cheia de seiva, de humanidade. Esperemos que breve nos ofereça novos livros que, temos certeza, serão a confirmação do seu talento.

S. M.

Revista "RUMOS" — Editada em Lages, neste Estado, e tendo como diretor o sr. Guido Wilmar Sassi, saiu uma revista intitulada "RUMOS", que já no seu primeiro número insere boas colaborações, o que nos permite, esperar dela um promissor futuro. RUMOS não é apenas mais uma revista.

Neste seu primeiro número, merecem destaque o conto PIÁ de Guido Wilmar Sassi, a crônica DIVAGACÕES DE UM BOÊMIO de Antônio Paladino, ENTERRO de Walmor Cardoso da Silva, JAMES JOYCE de Evilásio Nery Caon e ROMÂNTICO de Natal Chiarello.

Além disso, RUMOS no seu número de estréia publica um poema de Mário de Andrade; é uma homenagem àquele que foi um grande incentivador dos jovens.

Este número traz ilustrações de André Lhote (capa), Athos Bulcão, Oswaldo Goeldi e Nereu Goss.

A importância da Análise no Teatro

O primarismo do teatro no Brasil é visível. Esse elementarismo de nossa arte dramática é notado até nos maiores centros, em Companhias constituídas por atores de renome nacional. Um palco iluminado por lâmpadas colocadas no procênio, como um vaudeville de suburbio, é prova de técnica obsoleta. A comédia "para rir" em que o expectador logo ao fim do primeiro ato já descobriu o seu desfecho, ainda é muito representada. O sussurrar do "ponto" nos enerva muitas vezes. O ator principal, "dono do palco", absoluto, dominador, esquecido do trabalho de equipe, pouco difere do palhaço do circo da nossa infância. E quantas coisas mais estão destoando na ribalta nacional.

Felizmente, nosso teatro, nos últimos anos, se afasta da Idade da Pedra, guiado pelas mãos de gente mais competente. Começaram a aparecer Ziembinsk, Morineau, Silveira Sampaio e outros, sem esquecer alguns grupos de amadores que, com mil dificuldades, batalham pelo bom teatro. Muita coisa tem sido feita, ainda que hajam falhas a ser removidas, embora muitos dêem certa concessão ao público. Não critico essa concessão; esse público cheio de cinematografia e com precário contato com o teatro precisa ser educado aos poucos. Aí temos Sandro e seus comediantes representando peças fundamentalmente influenciadas pelo cinema.

Estamos assistindo a um momento de grande evolução para a nossa arte de representar e compete aos jovens construir o seu verdadeiro caminho, através do estudo dedicado. O poder do estudo, da análise, pode-se dizer, é infinito. Ninguém pode negar tal verdade. O ator, desde o primeiro instante em que se encontra no palco, deixa de ser ator; é puramente um personagem. Desculpa-se que um artista de rádio tenha formulas para cada papel que interprete, que tenha seus maneirismos. As novelas radiofônicas geralmente não apresentam tipos psicologicamente bem marcados e os ensaios são reduzidíssimos. O ato de teatro não pode representar, não pode se repetir como o do rádio. Ele está diante de uma arte mais exigente, mais caprichosa, necessita de mais compreensão, mais coerência no papel.

Nossa literatura, comparando-se ao teatro, acha-se mais desenvolvida, tem mais expansão. Chamo nossos escritores jovens de estudantes curiosos, pesquisadores, analisadores do seu trabalho. Não quero com isso, sendo um moço como sou, chamar a mim qualquer honra. Como a SUL, muitas outras revistas dão um atestado da busca desses jovens que escrevem com uma profundidade dificilmente adquirida.

Assim como em nossa nova literatura, deverá haver no teatro esse labor. O teatrólogo escreve uma peça, lança os personagens no papel, disformes, sem vida. Cabe ao ator fazer o personagem viver. O artista que decora as palavras que deverá pronunciar no palco e depois as diz da maneira como viu dizer um outro ator que representou o mesmo papel, é um fantoche, uma máscara. Ele deve ir ao fundo, tomar em suas mãos a substância, dominar, ser o personagem que vai interpretar.

O teatro é uma religião, uma religião que exige verdadeira fé e compreensão de seus dogmas.

Pôrto Alegre.

Antônio da Silva Filho

JORNAL DOS NOVOS — Completou seu primeiro aniversário o "JORNAL DOS NOVOS", suplemento mensal do jornal "A Manhã" do Rio de Janeiro, e que tem á secretaria-lo o sr. Fausto Cunha, uma das mais promissoras vocações de crítico da nova geração.

"JORNAL DOS NOVOS", que tem abrigado em suas páginas todos aqueles que se iniciando nas letras, não dispõem de uma publicação onde possam apresentar seus contos, artigos e poemas, bem merece, pelo apoio e divulgação que vem realizando, continuar a existir.

Bem sabemos nós, dadas as condições ambientes, o quanto isto é difícil, mas não impossível.

A Desalentadora Verdade

Italino Peruffo

Os fatos que as estatísticas vem de nos revelar em torno da vida literária no Brasil são desanimadores. Num país como o nosso, com cinquenta milhões de habitantes, seria inconcebível em meio normal haver um baixo índice de leitores como sabemos existir. Nas publicações literárias e nos jornais diários vêm-se contínuas queixas, sempre repetidas, dos editores, lamentando-se de que o comércio livreiro não compensa. Culpam os governos por sobrecarregá-lo de impostos e outras dificuldades que o entravam. Há um movimento que tende a esboçar-se por todo o Brasil com finalidade de propugnar por leis especiais que favoreçam e estimulem a circulação barata de obras técnicas, didáticas e literárias. O Estado de São Paulo foi — parece-me — o primeiro a tomar essa iniciativa. O Rio Grande do Sul quer agora imitá-lo. A meu ver, porém, esse insignificante apóio pouco virá fazer para diminuir o preço do livro, tampouco lhe dará maior consumo. O Imposto de Vendas e Consignações é uma ninharia comparada à soma que se tem de gastar para adquirir um tratado de ciência, uma gramática, ou mesmo um romance. O consumidor que entra na livraria para comprar o livro que escolheu na vitrine ou que o mestre lhe recomendou, pouco se lhe importa que custe cinco mais ou cinco menos. Ele já entrou disposto a adquiri-lo, eis tudo. Sou de parecer — e creio mesmo que para melhorar esse nosso baixo nível cultural não haja outro caminho — de que se deva procurar a qualquer meio incutir no espírito do público a necessidade urgente e indispensável de ler, mas ler muito. Um povo que lê, é um povo que sabe. Sem leituras não se forma opinião, não se adquire independência de pensamento, não se aprende a guiar-se, a concluir raciocínios, a prever, a definir. E o hábito de ler deve partir dos bancos escolares. Os professores poderiam em suas palestras, ou mesmo durante as aulas, aconselhar os alunos a lerem, fazer da leitura uma espécie de ocupação diária, nem que seja

por um tempinho determinado; assumir a obrigação perante si de abrir e fechar o livro em horas fixas; demorar-se frente as vitrines das livrarias, como diante dos cartazes de cinema é costume parar. Se isto acontecesse no Brasil, estou certo, o consumo dos livros aumentaria sensivelmente, as tiragens das edições seriam maiores, a mão de obra menos dispendiosa, o lucro por unidade dos editores e revendedores menor, e o artigo mais barato. Esta, a meu ver, deve ser a solução. O Ministério da Educação que tão bem soube empreender a campanha de alfabetizar adultos, por que não se empenha mais a fundo também para disseminar o hábito da leitura? Parece-me que tudo deva ser questão de começar.

É lamentável a um observador que andando pelo interior do Brasil, mesmo em cidades adiantadas em matéria de comércio e indústria e com boas escolas, se encontre muita gente da classe média com mais de trinta anos de idade sem nunca ter lido um livro literário! Os escritores mais populares no entender dos críticos são completamente desconhecidos, enquanto que o nome de um jogador de futebol anda de boca em boca com a maior das familiaridades. Por mais incrível que pareça, conheci dezenas e dezenas de bancários e comerciários que não leram sequer uma obra de Machado de Assis, ou de Humberto de Campos, que não sabem existir no Rio de Janeiro a Academia Brasileira de Letras. O próprio José Lins do Rego disse numa de suas crônicas que um amigo lhe segredou: "Se não fosse o futebol, você seria para o povo um simples homem da rua". E é certo. Muitos conhecem o escritor nordestino como entusiasta do Flamengo, ou como cronista esportivo e poucos, bem poucos são os que o tem como romancista. Infelizmente esta é a grande, a tremenda, a desalentadora verdade brasileira.

(Rio do Sul).



C. Portinari, A DESCOBERTA, do livro de Mário Pedrosa "ARTE, necessidade vital", edição CEB.

Crueldade Mental

Conto de O. G. REGO DE CARVALHO

TENDO O PRIMO no outro lado da mesa, Raquel se pôs a considerar que, por mais escondesse a marca do tempo, Jorge não conseguia, agora, ocultar o permanente enfado que se estampava no rosto. Aos poucos ia-se anquiando, alheio às alegrias vãs do mundo e cada vez mais retraído. Mesmo assim não se esquecia — pelo menos aparentava, visitando-a pontualmente aos sábados:

— Meu pobre amigo — exclamou, abanando a cabeça em negativa — como tem envelhecido!

Jorge deu de ombros, procurando sorrir. Todavia não foi além da intenção. Reconhecia que paulatinamente se desmoronava, como um barranco que de mansinho caísse na ribeira. Apenas reagia vez por outra, quando se sentia culpado ou nele pesava alguma acusação:

— Pensar demasiado: eis o mal — disse em resposta, querendo magoá-la.

Ante a crueldade do amigo, Raquel a custo pôde reprimir a indignação e a conseqüente vontade de chorar. Que estava o primo insinuando? Olhou-o com tristeza, tentando desvelar na face lívida aquêlê ressaibo de ironia que lhe era frequente, às últimas semanas. Jorge, contudo, trazia a cabeça baixa, cuidando de armar uma paciência; na verdade, conquanto simulasse preocupação em descobrir um valete para a dama, todo o pensamento se concentrava no momento poético de sua vida.

Nessa época, recém-saído da universidade, voltava para casa com um único fito: o casamento. Na realidade suas idéias não passavam de evanescências, de pálidos reflexos do que pensava ainda adolescente. Dêsse tempo queria a Raquel como símbolo do amor puro. Mas sentia faltar-lhe a mulher que personificasse todos os predicados da imagem; logo descobrisse, a ela se uniria para sempre.

Regressando à terra, julgava que longa fôsse a busca, porém se enganou. No mesmo dia da chegada, a mãe veio preveni-lo de que uma prima — a Quelinha, estava na sala. A princípio não demonstrou interesse pela visita, pois nem se lembrava de parenta alguma com êsse nome. Quase imperceptível, uma suspeita o foi envolvendo, até que o empolgou.

— Quem, a moça? — inquiriu, fingindo-se distante.

— A Raquel, não conhece? Sobrinha de seu pai.

Não guardava a menor recordação de sua fisionomia. Com efeito, nunca voltou à fazenda, após mundar-se para a cidade e especialmente no período de estudos na metrópole. No entanto, imaginava que a prima tivesse características de matuta, em especial nos modos de falar. Porque o timbre para Jorge significava muito, e por mais agradável fôsse a rapariga, dela jamais haveria de gostar verdadeiramente, se a voz denotasse trivialidade.

O semblante composto, seguiu até a sala de estar, onde se defrontou com Raquel. Esta volveu o rosto ao presentí-lo perto, entre confusa e já afeiçãoada. Os gestos simples e sem afetação prenderam-no, a ponto de fazê-lo pensar um momento em vir a amá-la.

Ficando o sós com a prima, êle se sentiu mais aturdido, e intimamente se maldisse por deixar invadir-se de admiração, quando podia estar conversando. O silêncio que os tinha envolvido continuou, constringendo-o. Todavia, contra sua expectativa, Raquel, longe de mostrar-se embaraçada, interrogou-o de repente, indagando por que a olhava tanto:

— Acaso nunca me viu? — disse de voz firme, meio velada.

Era uma pergunta desnecessária, aquela, mas que serviu a uma aproximação.

— Não, não me lembra tê-la visto tão encantadora! — exclamou Jorge, gracejando.

— Mentindo, primo? — Ela se pôs a rir, as faces levemente coradas. — Bom tome precauções contra suas investidas.

— Não se engane dessa maneira — replicou o outro, persuasiva, mas seriamente. Verá com o tempo que não sou tão galanteador.

Raquel não acreditava, não obstante sincera a confissão. Ninguém supunha amar de modo espiritual, mais à S. Francisco, do que Jorge. Ele mesmo cria, erradamente, que a timidez o reteria longe de qualquer conquista. Vencê-la, em busca de completa libertação, tal era seu lema.

— Quer ver uma fita, comigo? — indagou, súbitamente.

A prima olhou-o, mistura de admiração e alegria.

— Mas... — começou, e o riso convulsionou-a, cortando a frase. Mas, se a menos de um minuto insinuava ser timorato?

Jorge perdeu essa interrogação no tumulto. Diante de seus olhos reapareceu o baralho disperso na mesa, e a voz de Raquel estava carregada de aflição, doente a seus ouvidos:

— Você não me escuta? É bem a terceira vez que o chamo, sem que me atenda.

— Estava pensando — disse numa desculpa, sem encará-la — pensando em nós.

— Nós — fêz ela, quase patéticamente. Quer servir o café, por esta noite? Deixe o bule no fogareiro.

O amigo ergueu-se molemente, a contrariedade no gesto. Ao notá-la, Raquel compreendeu que não havia apenas cansaço em sua fisionomia: O desgosto existia igualmente. Como não descobrira há mais tempo? — perguntou-se. Também, no começo fôra tão feliz!

Desde os primeiros encontros se enamorou dele, encantada com aquêlê ar, para ela inexprimível, de melancolia e ternura. Sômente uma vez chegou a tentar esquecê-lo. Ela colhia rosas no canteiro do terraço, e nem foi preciso virar-se para descobrir o primo atrás; sentia-o presente, pelo simples fato de ser achar prêsã de excitação.

— É você, Jorge? — perguntou, sem se voltar. Alegre-me que tenha vindo.

— Sabe muito bem que a amo — êle disse, a voz avermelhada. Fazendo-a volver, tomou-lhe as mãos. — Sinceramente

Deixando cair as flôres, Raquel soltou um grito:

— Ai, ai — lamentou, procurando desvencilhar-se — os espinhos me feriram.

Jorge ermeu-lhe as mãos e como visse uma gota de sangue ruborizando o dedo, beijou-as e sorriu:

— Ainda está doendo? — indagou, inclinando-se a medo.

— Não. — Raquel anuíá porém, estremecendo ante um breve contacto de corpo.

— Meu amor — e em seguida o primo roçou a boca em sua face, levemente.

A proporção que ela se deixava possuir de langor, paralelamente iam-se acentuando na consciência a vergonha e o tédio. Repelindo-o quase bruscamente, Raquel abaixou a vista, o rosto vermelho como se estivesse espancado:

— Não o repita mais — disse, compungida.

Entre surpreso e irônico, êle replicou:

— Não a supunha tão pudorada.

Como o visse sair incontinentemente, Raquel quis chamá-lo, não chegando a entrebrir a boca: para que retê-lo, quando sua presença a envergonhava? Deprimida, sen-



XILOGRAVURA de Marcelo Grassmann

tou no chão, à sombra de uma mangueira, prometendo-se nunca mais pensar nele.

Mas o primo não o consentiu, visitando-a sempre que podia. Certa noite, o ressentimento não de todo apagado, tinha-o à mesa, quando êle colocou a mão sobre a sua, e fitando-a nos olhos, falou com a voz comovida:

— Raquel, conheço alguém que a deseja para esposa. Compreendendo que aludia a si mesmo, tentou magoá-lo, o olhar quase ausente:

— Seja quem for, não me casarei. (Para que mentir-lhe, se era evidente que o esperava? — interrogou-se amargamente). Mas, diz: qual o pretendente?

Jorge não assuntou, limitando-se a sorrir pálidamente e a recolher a mão. Pretextando um malestar de estomago, quando o semblante espelhava o desengano da alma, saiu cedo, antes mesmo do café. Apenas tornou a vê-la uma quinzena depois, restringindo suas visitas desse momento.

Nunca mais a palestra se passou na intimidade, conquanto desejassem ambos segredar as confidências. Mesmo assim era inevitável que agora exigisse uma definição, e já que o próprio Jorge confessou estar pensando neles, por que não esclarecer?

— Ainda me quer bem, primo? — ela perguntou de súbito, ternamente, abrindo os olhos por instantes cerrados e deparando uma xícara de café sobre a mesa.

— Naturalmente — Jorge respondeu embaraçado, mirando a noite pelo retângulo da janela. (Oh caprichoso, oh incompreendido amor!) — Por que pergunta?

— Uma idéia que me ocorreu.

Rolando, sempre descendo no abismo, Raquel deixou tombar a cabeça, quase soluçando. Como podia alguém ficar, tão de propósito, alheio a seu sofrimento? Não compreendeu, mas decididamente jamais continuaria a viver assim.

— Amanhã, irei a fazenda — disse procurando conter-se, não alcançando todavia a quietude almejada. Não retornarei mais, Jorge.

O silêncio caiu pesado entre ambos, e só depois de alguns instantes, para ela de tribulação e desfalecimentos, Jorge se encorajou a rompê-lo, com uma observação sobre o tempo:

— Teremos chuva na madrugada — falou, caminhando para a porta. Se vai regressar como tencionava, adeus.

Vendo-o retirar-se, Raquel cerrou as pálpebras, sentindo o impulso — nada além — de correr e abraçá-lo, para, retendo-o perto do coração o infinito, rogar-lhe que não a deixasse partir, quando juntos podiam ser felizes e tão serenos.

O SONHO DA ROSA

Repartirei esta noite a ternura
de preparar silencioso o sonho
da rosa. Música, velha aventura,
mundo de infância, pétalas componho.

Crio de novo o segredo e a coragem
de desvendar as imprevisas ilhas;
abandonados mares, na viagem,
ressurgirão do fascínio das quilhas.

Mãos esquecidas no tempo devolvem
o leve apêlo da lágrima. Densos,
presos vapores a noite envolvem.

Desamparada noite! O desencanto
cresce, mas com proféticas palavras
na madrugada se anuncia o canto.

— H. DOBAL —

(Teresina).

MULHER

(Composição)

Walmir Maranhão

A mulher
vestida de sono
sopra sua flauta.

A musica
escorre da boca
um buquê de pássaros
sobre a manhã.

As rosas
são claras e os versos
são puros, como

Lírios!
abertos no sexo da
datilografia.

Recife, agosto de 1950.

ARTE-POÉTICA

Rui Guilherme Barata

Ah! o ofício, as contorções da esfera,
— entre a aurora e a madrugada!
O liturgico olhar abre cortinas,
o anjo adormeceu, dança arbitraria
a minha barba de duzentos anos.
Quem poderá restituir-me intacto ao mistério
Com o perfume da rosa não tocada?
Quem senão tu cántaro e fonte,
morada, terra e pátria onde se esconde
a negra cicatriz que o peito ostenta?
Por isso vivo — entre a aurora e a madrugada;
para que salves ou lances no infortunio
o liturgico olhar que em nova esfera
apodrece sob um sol de desespero.

(Belem — Pará)



EL GRECO — San Martín e o Mendigo — do livro "ARTE, necessidade vital", edição CEB.

BRINCANDO DE AMOR

3 ATOS DE ODY FRAGA

ATO I — 1º QUADRO

Personagens

Gabirola
Pierrot
Colombina
Arlequim
Raiz de Rosa
Buscapé
Joana

1º QUADRO

A cena representa o palco do teatro de Gabirola, montado para o espetáculo. É um simples jardim, feito com aplicações. Sôa uma música de overture, entra Gabirola.

Gabirola — (Faz um cerimonioso cumprimento) — Senhores e senhoras! Tenho o prazer de vos apresentar a minha companhia "Os Bonecos", a maior do mundo, que hoje faz sua primeira apresentação nesta cidade. Esta noite estarão diante de vós os quatro artistas de páu mais famosos de todos os tempos: Pierrot, Colombina, Arlequim e Raiz de Rosa, para apresentar a linda peça "O amor de Pierrot". Portanto, meus senhores, permitam que em nome de toda a companhia apresente os cumprimentos ao distinto público. A peça vai começar. — (Curva-se profundamente e sai).

Luz azulada, um azul sereno. Ouve-se um chorinho executado por violão, cavaquinho e flauta. Entra Pierrot vagabundeando. Dá voltas pelo jardim, olha por todos os cantos e como não vê ninguém, vai deitar-se no banco, enquanto o chorinho vai morrendo lentamente. Transposição de luz. O azul se transforma em radiante dourado, luz do sol, viva, forte, cálida. O pequeno conjunto executa "Ciranda, cirandinha, vamos todos cirandar"... entra Colombina com algumas flores nos braços. Deixa as flores ao pé da árvore e se desenvolve pela cena em movimentos de vida radiosa, até que nota Pierrot no banco. APANHA UMA FLÔR e vai fazer-lhe cócegas no ouvido. Pierrot mexe-se, remexe-se e acaba levando um susto. Levanta-se. Fica encantado e meio bobo com a beleza de Colombina.

Colombina — Olá!

Pierrot — Quem é você?

Colombina — Colombina. E você?

Pierrot — Eu? Não sei não!

Colombina — (Batendo com os pés no chão furiosa) — Burro!!! Seu nome é Pierrot. Pierrot! Entendeu?

Pierrot — (Pausa. Pensa, pensa e finalmente com grande alegria, como se houvesse descoberto tudo naquele momento) — Ah! Agora sim!

Colombina — Vamos começar outra vez! — (Retorna a composição antiga) — Olá!

Pierrot — Quem é você?

Colombina — Colombina. E você!

Pierrot — Pierrot...

Colombina — Que está fazendo aqui?

Pierrot — Eu moro neste jardim — (Fica olhando fixamente para ela. Dá voltas em torno de Colombina, olha, examina, admira).

Colombina — Você mora aqui? Não tem casa?

Pierrot — Eu não preciso. — (No mesmo).

Colombina — Você é vagabundo? Prá que está me olhando assim? Eu tenho cara de bicho?

Pierrot — Puxa! Colombina você é um bocado bonita!

Colombina — Bobo!

Pierrot — Colombina!

Colombina — Que é?

Pierrot — Vamos brincar?

Colombina — Brincar de que?

Pierrot — De amor?

Colombina — Chifí!!! Não estou gostando disso. De amor?

Pierrot — De amor!

Colombina — É bom?

Pierrot — Quando a gente sabe brincar é.

Colombina — E como é que a gente brinca?

Pierrot — É fácil... — (para novamente e fica à

olhá-la como um tolo) — Puxa! Mas você é mesmo bo-

nita?

Colombina — Pierrot que é isso? Você está com cara de bobo! Vamos diga como é que se brinca de amor.

Pierrot — Puxa! Colombina! Você é um bocado bonita!

Colombina — Vamos anda, diz logo como é que a gente brinca!

Pierrot — Bem, é assim... mas você é bonita mesmo! — (Colombina fica aborrecida. Bate com o pé no chão e faz-lhe uma careta) — Eu venho dall e você vem de lá, faz de conta que nós estamos passeando. Eu olho prá você, você olha prá mim. Você fica assim como quem não quer nada e eu fico namorando você de longe, depois nós conversamos e eu digo que a amo. Não acredita, mas diz que me ama também...

Colombina — É só isso?

Pierrot — Tem mais. Quando nós estamos amando um ao outro entra Arlequim.

Colombina — Que é que ele vem fazer?

Pierrot — Está passeando e ao ver você fica também apaixonado, então começa a querer tirar o meu amor, a minha Colombina.

Colombina — E você que faz?

Pierrot — Eu? — (Pensa) — Eu? Eu não faço nada!

Colombina — Não?

Pierrot — Não quem faz é você.

Colombina — Eu?

Pierrot — Claro, você mesmo. Eu e Arlequim ficamos à disputá-la. No fim escolhe um dos dois...

Colombina — Qualquer um?

Pierrot — (Dando um pulo) — Não! Não! Você escolhe a mim.

Colombina — Escolho a você?

Pierrot — A mim! A mim! Não esqueça, hein! Escolhe a mim!

Colombina — Então vamos brincar!

Pierrot — Vá lá para aquele canto e eu vou para este aqui. (Dirigem-se para os locais indicados).

Colombina — E depois?

Pierrot — Depois o que?

Colombina — Depois de eu escolher um?

Pierrot — Sai junto com o eleito...

Colombina — E o outro?

Pierrot — Isso é lá com ele. Vamos começar.

— (Acordes de outro chorinho bem marcado. Pierrot e Colombina saem a caminhar, seguindo o ritmo da música. Passam um pelo outro. Param logo depois. Voltam-se. Começam a namorar. Colombina vai fazendo um não quer querendo. Pierrot insiste, declara o seu amor, jura, desespera. No momento em que Colombina vai cedendo entra Arlequim. Entre ele e Pierrot trava-se uma longa disputa por Colombina. Ela acaba escolhendo Arlequim e sai pelo braço dele. Para no caminho. Vai apanhar as flores que deixou à sombra da árvore, joga uma desdenhosa para Pierrot e se retira nos braços do outro. Pierrot segue-os desesperadamente, mas para... volta triste. Vai apanhar a flôr que lhe foi atirada. Ouve-se então uma antiga e sentimental valsinha brasileira. Dança com a flôr. A luz vai esmorecendo e o azul aos poucos domina novamente a cena. Pierrot acabrunhado volta a deitar-se no banco. Ainda ao som da valsa entra Raiz de Rosa. Está vestida com uma simples túnica. Dá algumas voltas e acaba, também notando Pierrot. Vai com cuidado e o

acorda. Pierrot ao vê-la começa a passar as mãos nos olhos e a beliscar-se, para ver se não está dormindo).

Raiz de Rosa — Boa noite!

Pierrot — Boa noite!

Raiz de Rosa — Você não tem casa?

Pierrot — Tenho sim!

Raiz de Rosa — Então porque está dormindo aí no banco?

Pierrot — Lá em casa é muito triste.

Raiz de Rosa — Porque?

Pierrot — Eu moro sozinho!

Raiz de Rosa — Porque?

Pierrot — Porque ninguém mora comigo.

Raiz de Rosa — Por isso você vem para o jardim?

Pierrot — É melhor aqui! Eu vejo gente.

Raiz de Rosa — Qual é o seu nome?

Pierrot — Pierrot e o seu?

Raiz de Rosa — Raiz de Rosa.

Pierrot — Raiz de Rosa?

RUA SUL

Rua com três calçadas! Estranha rua petrificada em versos.

"Andei tantos caminhos!...
Busquei nas origens
razão das minhas andanças".

E o poeta atravessa a rua Sul (atravessa?), assombrando-me em suas andanças. O poeta percorre descalço e desabrigado essa rua sem números e sinalizas. Existirá nela alguma casa, algum lugar por baixo das pedras?

Ela é sombria, sem transeúntes. Mas, será que ela espera, como Cândida?

"... Dizem que sempre foi assim,
que nunca houve ninguém na sua vida.
E ela tão pura
tão cândida
esperando..."

Ou a rua Sul exige solidão, fixa-se em não permitir transeúntes, em não recordar o sol, mesmo o sol de outras ruas?

Três calçadas formam a rua Sul: Poemas Anteriores, Semana Santa em Ouro Preto e Imagens de Porto Alegre. Três calçadas que não são paralelas, mas enfileiradas e movediças. A calçada de centro fica em maior relevo. Isso porque a sensibilidade poética de Décio Frota Escobar radica-se mais fundamentalmente nas pedras dessa calçada.

"Cristo de roxo
posto na esquina,
face escorrendo
neblina e sangue."

Dedos de pedra
em pedra esculpíram
— Quem vestiu minha tristeza
e a minha coroa de espinhos?

Casa, ladeira e morro
suspiram..."

Dessa calçada ouvi-se o chamamento de Cristo:

"A última sombra desceu sobre o monte Calvário.
O bom ladrão está no céu
na eternidade à mão direita de Deus Padre
Todo Poderoso

— rogai por nós!
O bom ladrão beijou a cruz de Cristo,
o sangue de Cristo,
o bom ladrão levou para o céu
os últimos pecados do mundo".

Raiz de Rosa — Sim! Porque eu sou uma boneca feita da raiz de uma roseira. E você de que é feito?

Pierrot — (Desolado) — Oh! Eu sou feito de cabo de vassoura, por isso sou tão feio!

Raiz de Rosa — Ora, você não é feio e cabo de vassoura é uma coisa muito importante.

Pierrot — É mesmo?

Raiz de Rosa — Claro. Pois se não fossem as vassouras tudo seria feio e sujo.

Pierrot — (Alegre) — É verdade?

Raiz de Rosa — Claro que é! Você está vendo?

Pierrot — (Pensando) — É mesmo... Que bom, hein!

Raiz de Rosa — Quer brincar comigo?

Pierrot — Brincar com você?

Raiz de Rosa — Porque não? Eu não sou feia, sou?

Pierrot — Você é linda! Linda! Linda! — (Triste) — Eu é que sou feio!

Raiz de Rosa — Tolinho. Não é feio coisa nenhuma. Você é bem bonito até.

Pierrot — Eu?

Raiz de Rosa — Claro! Você é bom, quem é bom é bonito, por isso você é bonito!

Pierrot — É mesmo?

Raiz de Rosa — Você acredita em mim?

Pierrot — Acredito...

Raiz de Rosa — Então você é bonito. É bonito porque eu acho você bonito.

Pierrot — Então vamos brincar. Mas brincar de que, hein?

Raiz de Rosa — De amor!

Pierrot — (Desesperado) — Não! Disso não! Por favor, disso não!

de Décio Frota Escobar

O bom ladrão levou para o céu os últimos pecados do mundo! Nesses versos a calçada se transpõe, atravessa a rua, perpassa as cidades, enlaça o mundo, e quer o céu. "Lamento do Pastorão" pedra situada na primeira calçada, é um motivo já muito cantado; no entanto nenhum cantor o fez tão poeticamente:

"Tudo veio de repente
nos campos do Pastorão!
Veio a noite
veio o vento
veio a geada
veio o frio".

De maneira penetrante, Luiz Carlos Zubaran ilustrou esse poema. Zubaran impregna toda a paisagem com o sofrimento que os seus versos comunicam, mesclando-se o Negrinho, o campo, a lua, a geada, o antes, e depois. "Poema Azul" é o último trecho da primeira calçada:

"É eternidade ouvir o mar!...
Enquanto o voo branco das gaivotas
dissolve no ar a palavra ETERNIDADE".

A terceira calçada é nevoenta, mesmo com a tentativa do sol:

"Raio de sol
furando
a manhãzinha nevoenta
tremelicou
na água do rio".

E mais adiante:

"E lá no fim da cidade
a ponta dos Navegantes
apita
e a manhãzinhas nevoenta
se agita
nas águas quietas do rio".

As quatro últimas pedras de RUA SUL nos falam assim:

"... e o rosto
foi o hálito
do vinho
na vidraça".

Em RUA SUL existe desolação, e insistem muitas fugas na irrealidade. Outras ruas percorrerá Décio. Talvez venha o poeta buscar vigorosamente — a entrada da RUA NORTE.

Fernando Paranhos Moreira

Porto Alegre, 5 de outubro de 1950.

Raiz de Rosa — Porque? É tão bom!

Pierrot — Eu não gostei.

Raiz de Rosa — Não gostou?

Pierrot — Quando estava no melhor apareceu Arlequim e bum! Levou Colombina.

Raiz de Rosa — Mas ninguém vai me levar.

Pierrot — (Alegre) — Verdade?

Raiz de Rosa — É sério!

Pierrot — (Pulando de contente) — Viva! Eu achei um amor! Eu achei um amor! — (Um relógio de igreja bate horas).

Raiz de Rosa — (Assustada) — Pierrot! Pierrot! Nós brincamos amanhã.

Pierrot — (Entristecendo) — Porque?

Raiz de Rosa — Tenho que ir pra casa agora. — (Vai saindo) — Amanhã eu venho mais cedo. Me espera que eu venho. — (Sai correndo).

Pierrot — (Fica outra vez profundamente abatido. Caminha desorientado, até que encontra a flôr que lhe foi atirada por Colombina. Apanha-a rapidamente e sai de cena correndo e chamando) — Raiz de Rosa! Raiz de Rosa!

Acendem-se as luzes brancas e entra Gabiroba).

Gabiroba — (Cumprimento cerimonioso à platéia) — Queridos amigos, acabaram de assistir à primeira peça da minha famosa companhia "Os Bonecos". Como viram eles são os bonequinhos mais inteligentes do mundo, mas esperem um pouco e verão as coisas maravilhosas que ainda irão fazer.

PANO

Fim do 1º quadro.

REVISTA "FILME"

Não poderíamos deixar passar sem um comentário o aparecimento deste segundo número da revista "Filme", do Centro de Estudos Cinematográficos. É para todos nós que nos interessamos por cinema-arte e que batalhamos por manter um Clube de Cinema, motivo de justo orgulho poder contar com uma revista especializada do quilate de "Filme", uma revista que estuda e analisa os problemas a sério, que tanto nos vêm auxiliar na tarefa de divulgação do bom cinema, que vê no cinema uma arte, a arte do nosso século.

"Filme" não se preocupa, como explica na apresentação, em responder perguntinhas sem cabimento sobre a vida particular e as manias mais ou menos boçais de tal ou qual artista. Nem se preocupa em mostrar quantos divórcios já tem o artista fulano, ou quantos beijos vendeu a artista sicrano e porque foi ela premiada como a artista que melhor beija no cinema... ou fora dele.

"Filme" pode se equiparar às melhores revistas do gênero, tanto pela matéria como pela cuidadosa apresentação, distribuição e seleção de trabalhos. Apresenta co-

laboração não só dos nomes mais prestigiosos do Brasil, como ainda artigos assinados por escritores especializados de diversas partes do mundo (norte-americanos, ingleses, franceses, etc.) e que escrevem nas revistas mais representativas. Sómente de se lamentar que a revista não tenha uma saída mais regular, demorando tanto em aparecer, porque um dos principais e mais importantes fatores para o sucesso de uma publicação periódica é o aparecimento mais ou menos normal. Sabemos por experiência própria o quanto isto é difícil. Porém com mais esforço e um pouco de sacrifícios talvez fosse possível se não pontualidade ao menos uma diferença menor entre um número e outro.

Deste n. 2 que está tão bom ou melhor do que o primeiro, não há propriamente artigos a destacar, por que todos preenchem suas finalidades. Tanto a parte de estudos e análise em tese, como os artigos críticos.

"Filme", indo como vai e conseguindo normalizar sua saída, poderá tornar-se e se equiparar, sem favor algum, às publicações famosas como "La Revue de Cinema", "Bianco e Nero", etc.

Aqui deixamos os nossos parabéns e votos de uma longa e profícua atividade.

ALGUMAS NOTAS SOBRE O CINEMA NO BRASIL

(Continuação da pag. 17)

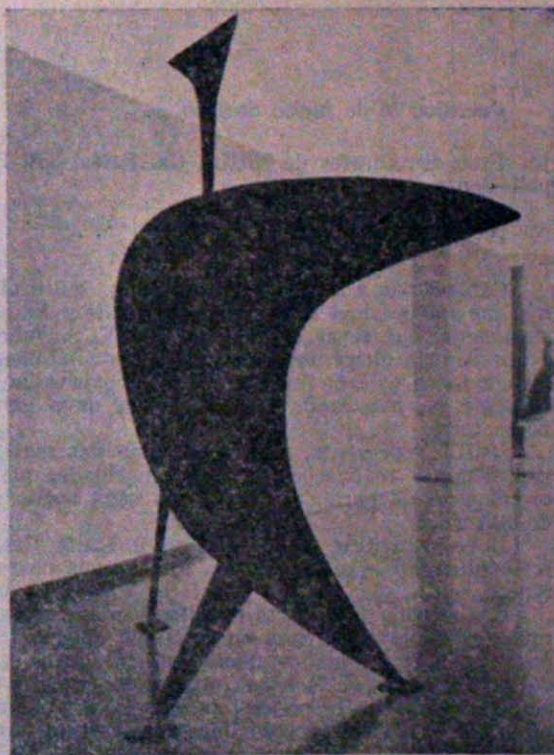
mudo e que agora José Mauro Vasconcelos adaptou para o cinema brasileiro. Será filmado em Natal no próximo mês de janeiro. **O Escravo da Noite** — Direção de Adolfo Celi — Filme biográfico de Noel Rosa — Argumento de David Nasser — Roteiro de José Mauro de Vasconcelos. **O Irmão das Almas** — Direção de Cavalcanti — adaptação cinematográfica da comédia de Martins Pena — Roteiro de Gustavo Nonnenberg — Diálogos de Rodrigo Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e Anibal Machado. A ação se passará em Ouro Preto e será filmado em Gevaert-Color. Os intérpretes principais serão, além de dois nomes ainda não escolhidos, os seguintes: Eliane Lage, Inezita Barroso, Ruth de Souza, Alberto Ruschel, Abílio Pereira de Almeida, Carlos Vergueiro e Mario Sergio.

Prepara atualmente a VERA CRUZ dois novos filmes, são eles; "A Retirada da Laguna" e a vida de "Santos Dumont".

Como se vê, por estas notas acima transcritas, a Cia. Cinematográfica VERA CRUZ tem uma norma de trabalho séria: não é formada de indivíduos sem responsabilidade artística, são atores do Teatro Brasileiro de Comédia, escritores consagrados e técnicos de renome internacional, que estão trabalhando com um diretor de igual prestígio junto aos interessados na sétima arte e que, por ser ele brasileiro e amplo conhecedor de cinema e seus segredos, poderá nos dar muita coisa, inclusive um lugar dentro do mundo cinematográfico. Por isso, Cavalcanti merece o nosso estímulo e a nossa colaboração; nele depositamos as nossas esperanças, as últimas que temos no Cinema Brasileiro.

N. do A. — Durante o mês de Outubro foram exibidas pelo C. C. de Florianópolis uma série de comédias de Charlie Chaplin (Carlitos) da "Mutual" realizadas nos anos de 1916 e 1917, a saber: "Easy Street" (Rua da Paz), "The Count" (O Conde), "The Cure" (O Balneário), "The Immigrant" (O Imigrante) e "At one O'Clock in the Morning" (A Uma da Madrugada); no mesmo programa foi exibido um documentário polonês de Kieska Powodzi, "Inundação" cedido pela Legação polonesa de Curitiba, por intermédio do c. c. de Porto Alegre.

Numa outra reunião realizada no dia 21 deste mês foi exibida a realização de William Castle, "When Strangers Marry" (Estranha Aventura). Este filme inaugurou dia 23, o Clube de Cinema da vizinha cidade de Laguna.



ALEXANDER CALDER

Stáville — do livro de Mário Pedrosa, "ARTE, necessidade vital", edição CEB.

O QUE DIZEM DE "SUL"

"SUL"

Com o 11º número, em distribuição, bem apresentado graficamente e com boas colaborações, entra "SUL" o terceiro ano de sua vida literária. A brava revista do Círculo de Arte Moderna, de Florianópolis, dá-nos assim uma demonstração de fibra e idealismo que não pode passar despercebida. Sabendo-se os incontáveis óbices que mesmo uma publicação de caráter comercial encontra para subsistir em plena capital da República, é possível aquilatar-se o mérito intrínseco e extrínseco de um órgão litero-artístico num ambiente hostil por sua limitação e pobreza. "SUL" tem promovido, através do grupo do CAM, representações teatrais, reuniões de cultura, entrevistas interessantes; criou um Clube de Cinema; participou ativamente da fundação do Museu de Arte Moderna de Florianópolis; iniciou atividades editoriais, com o lançamento do caderno de poesia de Walmor Cardoso da Silva, "Idade 21". Seu arrojado programa continua, sem embargo dos impecilhos e da injusta falta de ressonância. Enquanto a maioria das revistas de novos falece à mingua de recursos ou força de vontade, vem de "SUL" o exemplo de resistência. Apoiemos e incentivemos esse grupo. Não é uma ilha que flutua, é parte viva de um continente que luta para não ser desmembrada. Tem o seu ideal e a sua mensagem: nossa parte é compreender esse ideal, fazer com que essa mensagem não cesse de ser ouvida.

"Jornal dos Novos", A Manhã — Rio. Junho de 1950.

Curitiba, 16 de junho de 1950.

Ilmo. Sr. Diretor de "SUL", Cx. Postal 384, Florianópolis-Santa Catarina.

Prezado Senhor:

Conhecendo a sua excelente revista cultural "SUL", não me foi possível reprimir o desejo de a louvar entusiasticamente e levar esse louvor até V. S., felicitando-o e aos demais dirigentes dessa esplendida publicação que leva a todos os recantos do Brasil, a expressão cultural Catarinense, mostrando os valores da nova geração de nossa terra.

"SUL" representa, realmente, uma das mais belas e significativas realizações de nossa mocidade, que provou ter capacidade para dar forma aos seus ideais elevados de cultura.

Deve constituir justo orgulho à Santa Catarina a brilhante realização dos jovens intelectuais desse Estado Sulino.

Conhecendo toda sorte de dificuldades por que passa uma revista jovem, avalio em toda sua extensão os esforços dispendidos pela completa vitória desse mensário cultural e levo a V. S. e aos seus colaboradores, os meus sinceros votos de crescentes prosperidades e êxito completo à "SUL", a expressão lídima da cultura moça Catarinense.

Concluído meu tributo de admiração e louvor à sua admirável revista, aqui deixo consignados os meus votos de estima e real apreço.

Maria Alba Mendes Silva.

Cx. Postal V, Curitiba — Pr.

Buenos Aires, 14 de julho de 1950.

Señores Dr. Anibal Nunes Pires e Archibaldo Cabral Neves — "SUL" — Florianópolis.

Recebi con verdadero placer la revista de Uds. Tengo el recuerdo más curioso de Florianópolis; una llegada al atardecer, el encuentro primero con la tierra roja del Brasil; una claridad de ciudad que se hunde sin pavor en la noche. Su encanto triunfante de agua, pared y tierra, y finalmente una salida a la madrugada entre silencio y accidental falta de luz, reprocnada en las vetas de sebo con que nos servimos el café de ese amanecer.

Toda esta poesía viajera canta ahora con el nombre y ubicación de su revista.

Muchas gracias. Desearia recibirla siempre, de la manera que Uds, queram indicarle pudiendo contar con mi suscripción.

Igualmente si desean una corresponsalia en esta ciudad, estoy a las órdenes de su dirección. Se lo cuestion las revistas de Arte, porque alguna vez he hecho alguna, y soy desde luego entusiasta de este género de publicaciones a los que no escatimo aplauso cuando tienen la jerarquía de "SUL".

Mis mejores felicitaciones y el saludo de

Blanca Terra Viera

Rio do Sul, 29 de junho de 1950.

Meu caro Salim Miguel:

Venho de concluir a leitura dos números 10 e 11 de "SUL", que gentilmente me enviou. Não sei como deva me expressar para dizer toda a verdade em torno da obra desse Círculo. Tentarei fazê-lo.

"SUL" é uma revista que nasceu dos ideais artísticos de um grupo de jovens que merece o mais amplo elogio, e que porisso mesmo tem a consistência dos grandes empreendimentos e o destino de projetar-se pelos dias vindouros. Apesar das tremendas dificuldades com que se debate, ela vem se sustentando viva, ardorosa, uma sentinela que mantém continuamente despertos os sentimentos literários de Sta. Catarina. Lendo a farta matéria que em cada número traz, tem-se a impressão de estar vivendo algo de novo, de moderno, de grande. Sente-se vivo o espírito da mocidade, o latejar de uma geração diferente, idealista, construtora e compenetrada dos deveres com o futuro. Todos nós sabemos que "SUL" está passando por uma fase embrionária, que ainda não acabou de nascer, apesar de já ter completado um ano de existência. O que se vê, o que se palpa, não é tudo. Esses moços que a dirigem, que enchem suas páginas, são capazes de muito mais. Ah! Se não faltassem recursos! Mas não de vencer, não de transpôr galhardamente os obstáculos que se opõem à sua bela iniciativa, não de passar por essa prova de fogo, para depois realizarem seu intento, mostrar a quantos olhos queiram ver que aqui, onde poucos talvez pensem, também se ama a arte e por ela se dá mais do que as fracas possibilidades permitem. Aos leitores em geral e aos catarinenses em particular, cabe agora o dever de prestigiar e auxiliar "SUL", confortá-la moral e materialmente, fazendo tudo para que se torne cada vez mais robusta e que seja sempre digna do alto e nobre propósito em que foi inspirada.

(Ass.: Itallino Peruffo)

Edições da Livraria Editora da Casa do Estudante do Brasil

Recebemos, enviados por esta Casa Editora, as recentes edições "O ROMANCE E SEUS PROBLEMAS" de Adolfo Casais Monteiro; "ARTE NECESSIDADE VITAL", de Mário Pedrosa e "POEMAS" de Deolindo Tavares.

O primeiro, de conhecido crítico português, é um estudo sobre o gênero que dá título ao livro, sendo de especial interesse a parte referente ao romance brasileiro.

Mário Pedrosa, no seu livro enfeixa "uma coletânea de trabalhos sobre arte, escritos entre 1933 e 1948".

É o seguinte o sumário deste livro: I — As tendências sociais da arte e Kaethe Kollwitz; II — Portinari, 1. Impressões de Portinari, 2. Portinari — de Brodosque aos murais de Washington, 3. Missa de Portinari; III — Alexander Calder, 1. Alexander Calder, escultor de cataventos, 2. Tensão e coesão na obra de Calder, 3. A máquina, Calder, Léger e outros; IV — Arte, necessidade vital; V — A coleção Widener na Galeria Nacional de Aretes dos Estados Unidos; VI — Dos primitivos à primeira Renascença Italiana; VII — A resistência alemã na arte; VIII — Crônicas de artes plásticas, 1. Considerações inatuais, 2. De Diderot a Lhote, 3. Indústria moderna e arte; IX — A ação de presença da arte; X — A força educadora da arte, 1. O destino funcional da pintura, 2. Ainda a propósito do destino da pintura, 3. Caricatura e arte moderna.

O livro é recomendável a todos os que se interessam

pelas artes plásticas, principalmente quanto a pintura moderna e as novas tendências da escultura.

Com um prefácio de Gilberto Freyre, tendo como selecionadores o próprio prefaciador, e mais os poetas Manuel Bandeira e Murilo Mendes, publicou a C. E. B. os belos poemas de Deolindo Tavares, uma homenagem muito justa, aliás a quem foi tão incompreendido em vida pelos seus contemporâneos, e que tem grande importância como renovador da arte poética de Recife, mas não apenas como renovador, também como poeta.

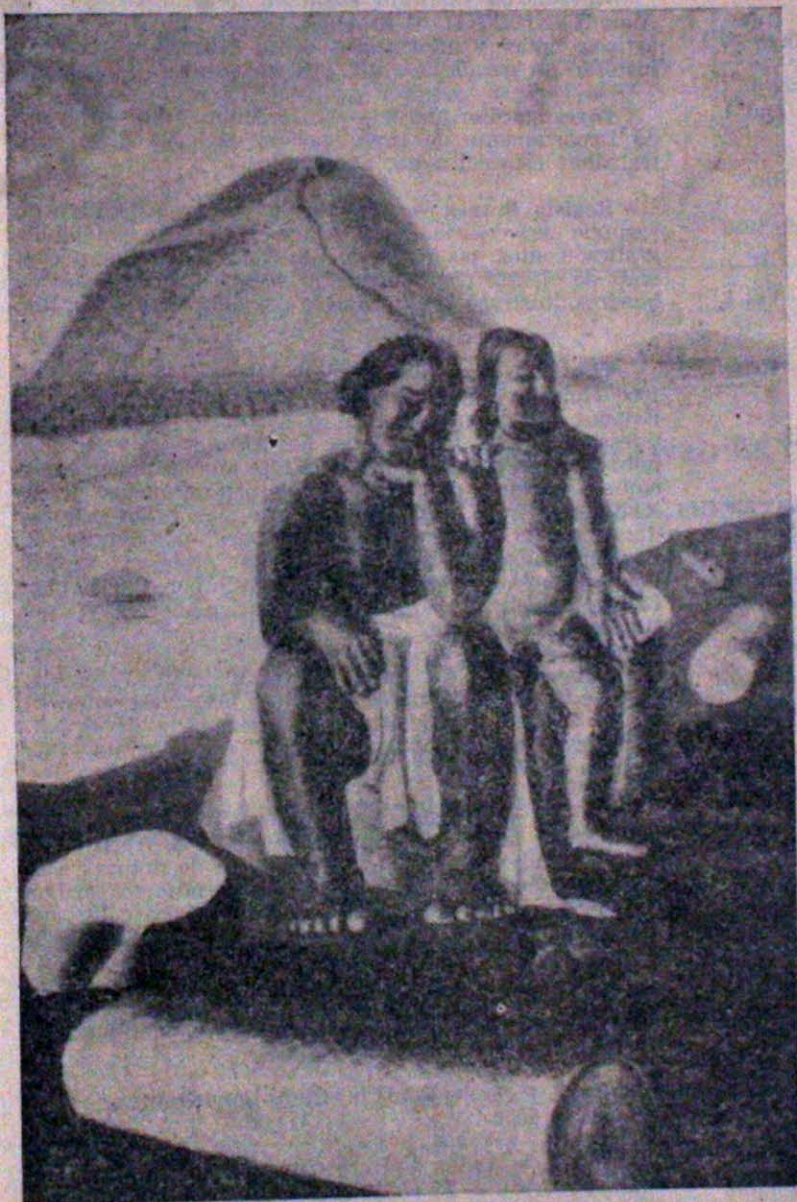
São de Deolindo Tavares, os poemas que transcrevemos a seguir, exemplos típicos da sua poesia.

POEMA

Não me revoltarei, mas meu coração está partido.
Há um coração de homem na vitrine de um magazine
exposto a todos os olhares, e gratuitamente.
Partiu-se o coração de um homem e ele não se queixa.
Uma serpente veio da Índia olhar o coração que se partiu.
Não me revoltarei nem desejo mais um coração
[reconstruído
com as ruínas antigas, com as lembranças antigas.
Não me revoltarei, mas tenho o coração partido.

POEMA

Todos riem, eu choro,
todos pensam, eu soffro,
todos amam, eu sorrio,
todos cantam, eu silencio,
todos andam, eu paro,
todos desejam, eu renuncio.
Nas avenidas tumultuosas,
eu contemplo o maior de todos os ocasos.



C. Portinari, MULATA E INDIA, do livro "ARTE, necessidade vital", edição CEB.

Recebemos e Agradecemos

REVISTAS

Universidad de Antioquia — Medellín — Colombia, n.º 94, com o "Cuadernillo de Poesia".

Contribuição da Literatura — Estudos e Documentos da Polónia — n.º 11 — BIP — Rio — 1950.

Investigações — Revista do Departamento de Investigações — Ano 2, n.º 17 — Maio, 1950 — S. Paulo.

Decoop — Informações Cooperativas — Ano 3 — Jan. 1950 — n.º 13 e 14 — Fpolis. — S. C.

Palmeiras — Revista Mensal Ilustrada n.º 93, ano 12 — Campinas — S. Paulo.

Tentativa — n.º 8 e 9 — ano 2 — junho e agosto de 1950 — Atibaia — S. Paulo.

Novo Mundo — Mensário da Associação de Intercâmbio Cultural — Ano 5 — n.º 51 e 52 — Guiratinga — Minas Gerais.

Cultura e Alimentação — Revista do Saps — ano 1 — jan. 950 — Rio.

Esfera — n. 23 e 24 — Jan. — maio de 950 — Rio.

Bando — ano 2 — n. 14, 15 e 16 março e abril de 1950 — Natal — R. G. do Norte.

Cronos — ano 2 — n. 6 — maio e junho 950 — Vol 1 — Rio.

Nordeste — ano 5 — n. 1 — jan. e fev. 950 — Recife — Pernambuco.

Arte e Literatura — Maio de 950 — Petropolis — Rio.

Boletim trimestral da sub-comissão catarinense de folclore — ano 1 — n. 4 — maio 950 — Fpolis. — S. Cat.

Boletim Bibliográfico Agir — ano 2 — n. 2 — abril — Rio.

Revista Branca — ano 2 — n. 11 — março e abril 950 — Rio.

Enba — Revista do Diretório Académico da Escola Nacional de Belas Artes — n. 4 — Rio.

Oasis — Jornal de Literatura — ano 1 — n. 3 — Fpolis — S. Catarina.

The Hudson Review — vol. III n. 1, Primavera de 1950. Esta excelente revista que temos recebido regularmente insere neste n.º, entre outros, os seguintes trabalhos: The Anaclets of Confucius Books 1 — X traduzidos por Ezra Pound; Cartas de Ezra Pound a T. S. Eliot e W. H. D. Rouse; The Rose in the Steel Dust (um ensaio sobre os "cantos" de Pound) por Hugh Kermer; Progress, report on Stravinsky por Joseph Kerman e Malraux World of art por Herbert Read.

Atomo — Jornal Mensal de Divulgação da Ciência e da Técnica — Ano 3 n. 30 — Lisboa, Portugal. Além da matéria de sua especialidade esta Revista apresenta trabalhos sobre arte, literatura, cinema e teatro, sendo de destacar neste número o artigo de João Gaspar Simões, sobre o romance "Calamento" de Romeu Corrêa.

Contemporânea — al revolución en el arte — ano 2, n. 4 — agosto de 1950 — Buenos Aires, Argentina.

Uma revista moderna tanto no conteúdo como na parte técnica, trazendo valiosas contribuições no terreno da poesia, pintura e problemas estéticos em geral.

Jornal dos Livros — órgão de divulgação literária e bibliográfica. Ano 1 n. 4 — São Paulo — Junho-Julho 1950.

Palmeiras — ano 12, n. 94 — agosto 1950 — Responsável: Cosme Pellegrini. Como este número, essa revista de Campinas — Est. S. Paulo, completa 12 anos de vida.

Correio das Artes — n. 44 e 45. Voltou a circular esse bem feito suplemento do jornal "A União", de João Pessoa, Paraíba, antes orientado pelo poeta Edson Régis e agora por Eduardo Martins.

Revista do Instituto Histórico de Mato-Grosso — Anos XXXI-XXXII — 1949-1950, tomos LIX-LXIV, com artigos, notas e informações sobre diversos assuntos e história em geral.

Investigações: ano 2 — N. 19, julho 1950 — Revista do Departamento de Investigações. Artigos diversos e trabalhos especializados. São Paulo.

Revista Branca — Ano 2 — n. 12, comemorativo do segundo aniversário. Bons artigos, ótima secção bibliográfica, contos, poemas, etc. Um volumoso número com mais de oitenta página de texto, além de reproduções de quadros, ilustrações, etc. Direção de Saldanha Coelho. Rio.

The Hudson Review — Vol. III, n. 2 — Verão de 1950. Mais um número desta bem feita revista de novos dos Estados Unidos que além de inserir em cada número interessantes notas sobre teatro, música e crítica assinadas, publica ainda poesias e artigos. Neste número merece destaque a tradução de "The Anaclets of Confucius" livros XI-XX, feita pelo poeta Ezra Pound e mais "The primary illusions and the great orders of art" por Susane K. Langer; "Lionel Trilling and the new stoicism" por R. B. Lewis; "A Phoenix toof frequent" por Christopher Fry e "English Verse Drama: Christopher Fry" por William Arrowsmith.

Universidad de Antioquia — Medellín, Colombia; ns. 97 e 98 meses de março e abril de 1950. Neste número, dentre as outras colaborações destacamos a de Braulio Sanchez sobre a "Novela no Brasil" e a separata "Cuadernillo de Poesia".

Trópico — Revista de Cultura e Turismo — Ano I ns. 1, 2, 3 e 4, correspondentes aos meses de Abril, Maio, Junho e Julho. São Paulo, Brasil. Além de notícias e bibliografias insere esta revista em seus números artigos os mais variados sobre cinema, teatro, música e literatura em geral. É patrocinada pela prefeitura de São Paulo.

Boletins e Jornais informativos da Legação da República Federativa da Iugoslavia — Rio, 1950, com notas, informações etc., em Francês e Inglês.

Boletim F. C. B. — Foto-Cine-Clube-Bandeirante-ano V n. 52 Agosto, 1950.

Boletim de la Union Cultural Americana — Diretor Dr. Andres J. Abad — Dezembro de 1949. Ano X n. 9. Buenos Aires, Argentina

LIVROS:

Alfeu e Aretusa (As apaixonadas de Goethe) Maria de Lourdes Teixeira — Livraria Martins Editora — S. Paulo, 1950, remetido pela autora.

O Anjo — Teatro de Eduardo Campos — peça em 1 ato, Edição da Revista Clá — Ceará, 1950 — remetido pelo autor.

Não Sei Se Voltarei — romance — 1ª edição — do autor Antônio Di Monti — Rio — 1950, enviado pelo mesmo.

Poemas de Câmera — de José Escobar Faria, que em 1949 nos deu "Os Dias Iguais". Edição da Livraria Martins Editora, S. Paulo, 1950. Enviado pelo autor.

O Primeiro Dia — Poemas em Prosa de Reynaldo Bairão em edição da revista Orfeu do Rio. Enviado pelo autor.

Clube do Conto — Desta nova editora recebemos os contos que ela vem publicando. São contos curtos, selecionados e traduzidos especialmente para esta coleção, que se propõe e vem publicando semanalmente um conto e o distribui entre seus sócios.

O Precursor Adelino Magalhães — Opiniões dos maiores nomes das letras no Brasil sobre esse vulto curioso e incompreendido das letras, que é Adelino Magalhães. Rio 1947.

O Terno dos Reis no Folclore Catarinense — IBGE — DEE — Série C — junho 1950 — por Oswaldo Ferreira de Melo — (filho) — Fpolis. — S. C.

Serra Mãe e Cabo da Boa Esperança, dois livros de poemas de Sebastião da Gama, Edições da Portugália

Editora, Lisboa, Portugal, respectivamente dos anos de 1945 e 1947. Dois bons livros, com apresentação culpada e interessantes poemas.

Itinerário y Espiritu de Jacobo Varela, por Telmo Manacorda, Impressora Uruguaya S. A. — Montevideo, 1950.

Las Viñetas Fantasmagóricas, poemas de Dardo E. Clare — Editorial Alfa, Durazno, 1949 — Uruguay.

Temas Sociais da Atualidade, por com um prefácio de Alceu Amoroso Lima — Editora Agir — Rio 1950.

Trapo Azul e Calamento, romances de Romeu Correa. O primeiro edição do autor, 1948 e o segundo edição da Editorial Minerva, 1949 — Lisboa — Portugal. Ambos enviados pelo autor. São dois livros bem apresentados graficamente e de que a crítica tem falado com elogios.

A Inútil Espera — poesias de Dirceu Quintanilha; Pongetti editora — 1950.

Intermezzo — poesias de Tobias Barreto — 1050 — Teresina Piauí

Gritos Perdidos — poemas de Moura Rêgo — Teresina — Piauí

A Nova Sociologia — José Virgílio Rocha — Teresina — Piauí — 1948

O Fenômeno Histórico — Ensaio de Espaciologia Histórica de José Virgílio Rocha — Teresina Piauí.

Frutos da Terra (do caderno de notas do viandante G. A. Rocklimink — Osvaldo Soares — Edição Ateca — Teresina — Piauí — 1950

CONCURSO LIVRO DE CONTOS

EDIÇÕES TENTATIVA

TENTATIVA, o conhecido jornal literário de Atibaia, que circula em todo o Brasil e no exterior, publicando matéria inédita dos maiores escritores nacionais, no sentido de possibilitar o aparecimento de valores novos em nossa literatura, instituiu um concurso para um LIVRO DE CONTOS, cujo regulamento, pelo seu interesse, publicamos na íntegra.

REGULAMENTO

1) — Poderão concorrer autores nacionais ou estrangeiros, devendo os originais serem escritos em português.

2) — Os originais compreenderão no mínimo 20 páginas e no máximo 30, em formato ofício, datilografadas em espaço duplo, com três cópias, trazendo pseudônimo do autor. Os originais deverão se compor de 3 contos, no mínimo.

3) — Haverá uma taxa de inscrição de vinte cruzeiros (cheque ou vale postal).

4) — Os originais deverão ser remetidos para "TENTATIVA" — CX. POSTAL 22, ATIBAIA — EST. SÃO PAULO. A identificação do autor deverá vir em envelope à parte, fechado, contendo os seguintes elementos: pseudônimo, nome por extenso do autor e endereço (rua, cidade e estado).

5) — O prêmio se constituirá da publicação da obra escolhida, numa tiragem de 1.000 exemplares, dos quais 200 serão oferecidos ao autor.

6) — A edição sairá com ilustrações especiais. Serão impressos 10 exemplares em papel especial, com gravuras originais fora do texto, dos quais dois serão oferecidos ao autor.

7) — O concurso será julgado por uma comissão composta de três membros, convidados pela direção de TENTATIVA entre figuras de destaque da crítica nacional. Os nomes serão divulgados brevemente pela imprensa.

8) — O concurso fica aberto da data desta publicação. Os originais só serão aceitos até 31 de dezembro de 1950.

9) — Se a Comissão decidir que nenhum dos concorrentes apresentou obra à altura do prêmio, será prorrogada por mais três meses a data de recebimento dos originais, não havendo após esse prazo nenhuma outra prorrogação.

10) — Os originais não serão devolvidos. Os contos dos livros não premiados que possuírem qualidades para publicação, porém, serão divulgados com ilustrações e destaque através das páginas de TENTATIVA.

Wladimir Cardoso da Silva

Idade 21

- poemas -

CADERNOS SUL

ADQUIRA O SEU EXEMPLAR

Empresã Sul Brasileira de Eletricidade S. A.

EMPRESUL

Serviços de energia elétrica em
Joinville, Jaraguá do Sul, São Bento do
Sul, Mafra, Tijucas, Rio Negro e Lapa.

Material elétrico para instalações-- Motores-- Dinamos-- Bombas--
Lustres-- Ferros de engomar-- Lampadas-- Ventiladores--
Serviço de instalações por pessoal técnico especializado.

Loja e Escritório á Rua 15 de Novembro n. 449 - Caixa Postal n. 6 -
End. Telegr.: 'Empresul' - Joinville - Santa Catarina - Brasil.

CLÍNICA DE CRIANÇAS
DO
DR. M. S. CAVALCANTI

Residência: R. Alves de Brito, 44 — R. Saldanha Marinho, 16
Consultório: Das 3 às 5 horas
Fone M. 732

FLORIANÓPOLIS

DR. WILMAR DIAS

ADVOGADO

R. Vidal Ramos, 73

FLORIANÓPOLIS SANTA CATARINA

LIVRARIA ROSA

Qualquer livro

(Romance, poesia, religião, técnico)

de qualquer editora...

(nacional ou estrangeira)

ser-lhe-á fornecido

(por Reembolso Postal, si quizer)

Rua Deodoro, 33 Florianópolis

CASA VITOR

Especialista em calçados para homens, senhoras e
crianças

GRAVATAS

CAMISAS

MEIAS

CUÉCAS

ETC

Exclusivista dos afamados calçados Scattamacchia

Rua Felipe Schmidt, 3 Florianópolis

DR. ARTHUR PEREIRA E OLIVEIRA

CLINICA GERAL DE ADULTOS

DOENÇAS DE CRIANÇAS

Consultório: Rua João Pinto 16, sob.

Residência: Rua Alves de Brito, 20

FLORIANÓPOLIS

VITOR DA LUZ FONTES

ENGENHEIRO CIVIL

PROJETOS — CALCULOS — CONSTRUÇÕES

TOPOGRAFIA — URBANISMO

Rua Trajano, 14 — 2º andar

FLORIANÓPOLIS

O ÚNICO

FLORISBELO

ALFAIATE

Florianópolis

LIVRARIA MODERNA

DE

PEDRO XAVIER & CIA.

dispõe de variado sortimento de material escolar,
livros didáticos, papelaria e artigos de escritório
em geral.

Rua Felipe Schmidt, 8

FLORIANÓPOLIS

SUL

SUMÁRIO

POEMA	Walmor Cardoso da Silva
POEMA	Anibal Nunes Pires
RETRATO	
PAUSA	J. M. Gomes de Mattos
CLAIR DE LUNE	Sylvio Eduardo
SER JOVEM	Manuel Pinto
2 DE JULHO	
ANOITECENDO	Antônio Paladino
PRECE	Miguel Torga
CARNE VIVA	José Régio
BANCARROTA	Antônio de Souza
REPOUSO DE MIM	Manuel Pinto
A POÇA	Jorge Ramos
OUTRA MANHÃ	Eglê Malheiros
DIVAGACIÓN EN TORNO A JEAN LOUIS BARRAULT	Blanca Terra Viera
BREVE EVOCAÇÃO DE PORTO ALEGRE	Luis Carlos de Arapey
REMINISCÊNCIAS	Archibaldo Cabral Neves
A PROPÓSITO DE DÁDIVA DE LUIS AMARO	Salim Miguel
OUVE, POESIA	Gonçalves da Costa
REFLEXÃO	Rogério Châtagnier
O CIGARRO DE TEÓFILO	José do Patrocinio Galloti
SEJE A ZERO	Guido Wilmar Sassi
VANGUARDA NO CINEMA	M. Santos
BROADWAY, ESQUINA 42	Gastón Figueira
SOLEDADE EN LA OFICINA	Giadys Bornioli
LEJANO	Matilde D'Espaux
ALGUMAS NOTAS SOBRE O CINE- MA DO BRASIL	Archibaldo Cabral Neves
MANHÃ CINZENTA	Nataníel Dantas
TREÇOS DE "O HOMEM QUE CANTA"	José Tito Silva
"MENSAGEM" DE BEATRIZ BAN- DEIRA	Eglê Malheiros
A IMPORTÂNCIA DA ANÁLISE NO TEATRO	Antônio da Silva Filho
A DESALENTADORA VERDADE	Italino Peraffo
CRUELDADE MENTAL	O. G. Pêgo de Carvalho
O SONHO DA ROSA	H. Dobal
MULHER	Waimir Maranhão
ARTE POÉTICA	Rui Guilherme Barata
BRINCANDO DE AMOR	Ody Frago
"RUA SUL" DE DÉCIO FROTA ES- COBAR	Fernando Paranhos Moreira

"SUL" encontra-se à venda

No Rio:

Livraria José Olímpio — R.
do Ouvidor.

Livros de Portugal — R.
Gonçalves Dias.

Livros Franceses — Av. Pre-
sidente Antônio Carlos, 53.

Em São Paulo:

Museu de Arte — R. 7 de
Abril, 241 (Secção de Livros
e revistas de Arte).

Em Florianópolis:

Livraria Moderna — Rua
Felipe Schmidt.

Livraria Rosa — Rua Deo-
doro, 33.

Este número foi composto e
impresso nas oficinas da Im-
prensa Oficial do Estado.

Preço: Cr\$ 5,00